



Inesperado & Sorprendente

Bruna Longobucco







Inesperado &
Surpreendente

Bruna Longobucco

Copyright © 2019 Bruna Longobucco

Capa: Thais Alves

Revisão e Diagramação: Carla Santos

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte dessa obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meio eletrônico ou mecânico sem a permissão da autora.

Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Notas](#)

A todos os românticos,
que a vida lhes seja inesperadamente surpreendente.

“O amor, quando se revela,
Não se sabe revelar.
Sabe bem olhar p'ra ela,
Mas não lhe sabe falar.

Quem quer dizer o que sente
Não sabe o que há de dizer.
Fala: parece que mente...
Cala: parece esquecer...”

Fernando Pessoa



2012

“Você não consegue perceber?
Você me pertence
Como dói meu pobre coração
A cada passo que você dá...”¹
Every Breath You Take,
The Police.

Era uma vez um príncipe que se transformou em sapo! Como isso aconteceu? Ok, não foi literalmente como no conto dos Irmãos Grimm nem nada, mas vou contar a história desde o começo...

Meu nome é Amanda Oliveira de Arantes, tenho 17 anos, curto poesias e filmes de amor, adoro gatos. Sou chocólatra, livrólatra e se tenho um dom é desenhar. Desde criança faço cursos e não resisto a transformar quase tudo que vejo em uma aquarela. Meus pais dizem que sou a filha idealista, talvez eu seja, acredito nos sonhos e ainda bem, porque sou adolescente e preciso acreditar que, como diz a lenda, no fim do arco-íris tem um pote de ouro.

O que meus pais nem desconfiam (sim, tenho meus segredos) é que estou completamente apaixonada pelo melhor amigo do meu irmão, o megagato Alex Alcântara de Luca. E não, ele nem faz ideia. Tudo bem que já dei bandeira de sopra...

Como no dia em que meu irmão pediu que ele me buscasse no colégio. O professor de português liberou a turma uma hora mais cedo e fui com a Lena,

minha melhor amiga, no *McDonald's* do DiamondMall, um shopping que fica pertinho do colégio, comprar um sorvete. Nós voltamos para a portaria com as respectivas casquinhas de baunilha, a fim de esperar nossas caronas. Quase todos os dias meu irmão me buscava. Quando vi quem estava lá esperando por mim, blecaute! O Alex estava no volante da BMW 328i preta, estacionado em frente à saída, falando no celular. Até me esqueci de lambar minha casquinha, queria dar pulos de alegria, mas a única coisa que fiz foi me distrair e dar um esbarrão na professora de matemática 🙄 (a única matéria em que não me dou bem), e como ela é mais baixa do que eu, lá se foi meu sorvete e bem na cara dela.

Justo nessa hora o Alex me viu. Eu queria sumir dali, mas a professora achou que fiz de propósito e o incidente com o sorvete me custou um sermão na diretoria, que o meu crush obviamente testemunhou.

E teve outra vez, quando ele foi tomar banho lá em casa e o meu irmão pediu para deixar um chinelo no quarto de hóspedes, coloquei o chinelo no chão, mas cedendo à tentação, em vez de sair, preguei minha testa na porta da suíte, claro que tentei ver alguma coisa pela fechadura já suspirando de antecipação, e justo nessa horinha ele abriu a porta. E lá fui eu de cara na comissão de frente dele, o que o fez recuar assustado. Resultado: tombeï de cara no chão, levando comigo a toalha que o cobria.

Quando ergui o rosto, passei por todos os tons de vermelho que você pode imaginar, ele me olhou tão surpreso quanto eu, que nessa hora grudei os olhos onde não devia e provavelmente devo tê-los arregalado, pois ele puxou a toalha depressa e se cobriu na mesma hora. Depois me deu a mão e me ajudou a levantar. Ficou me encarando como quem pede uma explicação. Eu não tinha uma para dar. Balbuciei um pedido de desculpas, antes de sair correndo dali. E não, eu não deixei de conferir o quanto ele era bem-dotado, naqueles poucos segundos em que a visão do paraíso se revelou para mim.

Essas foram as duas vezes em que eu realmente dei na cara, as outras fui mais discreta, talvez nem tanto eu confesso.

Hoje, no entanto, decidi que vou me declarar.

Isso. Mesmo.

Chega de sofrer nos bastidores!

Se minha melhor amiga estivesse aqui, ela certamente me diria: “Cuidado, Amanda, você é muito impulsiva. Depois vai se arrepender”, mas a Lena não está aqui para me dar bons conselhos, porque foi morar na Austrália e, pelos próximos dois anos, estarei de rédea solta. Não tenho mais ninguém para desabafar e me ajudar a controlar minha ansiedade.

Senti um cheirinho delicioso de churrasco. Não é porque sou gulosa, mas uma mesa digna de um restaurante foi posta à beira da piscina, com pratos

variados e frios decorados com frutas. Vi quando a cozinheira avisou meu irmão de que o almoço seria servido em breve.

Duas dúzias de mesas com sombreiros ocupavam a quadra ao lado da piscina. Garçons transitavam entre o espaço gourmet e a área de lazer com bandejas de bebidas coloridas, refrigerantes e sucos.

Um grupinho de moças com idade entre 18 e 24 anos não saía da água. E o tempo estava incrível. Dia de céu azul limpinho e um solzão daqueles.

Nosso sítio fica perto de Esmeraldas, na Grande-BH, num condomínio com portaria e ronda 24 horas. Meu pai comprou 30 mil metros quadrados antes de o terreno valorizar. Há uns 10 anos, ele construiu a casa, aos poucos fez a área de lazer e depois formou o jardim gramado, o pomar e a horta orgânica. É um projeto de vida para ele, mas até aquela manhã, não me lembrava de ter visto aquele lugar tão cheio. A casa de hóspedes estava lotada, assim como a sauna, a piscina e a quadra.

Entre curiosa e ciumenta, fiquei perto da piscina, observando a animação dos formandos. Precisava disfarçar meu interesse, mas não me saí bem, porque cada vez que o vejo é como se meus olhos fossem capturados e, querendo ou não, eu acabo me denunciando. Pelo menos para os outros, porque ele não nota ou se nota disfarça muito bem.

A algazarra continuava. As vozes cada vez mais alteradas pelo álcool. E ele, cada vez mais tudo. É verdade quando dizem que o amor não tira férias... Na realidade, ele não dá um minuto de sossego ao coração, pelo menos, não ao meu.

Mordi meu lábio inferior quando ele tirou a camisa de malha e caiu na piscina com uma loira peituda. Pimenta é o meu nome agora, e Jalapeño o sobrenome, muito prazer. Ah, que vontade de arder naquela periguetete! Desde que chegou se atirava no *meu* Alex sem nenhum pudor.

Aturei aqueles 15 minutos de tortura, até que ele saiu da água e sentou-se à beira da piscina para se secar. E aí foi outro tipo de tortura... A água escorreu pela pele morena e acentuou o brilho dos cabelos pretos e lisos que ele costuma usar jogados de lado. Ele sorriu com aquela boca de tirar o fôlego, aquela boca de lábios cheios e quase não segurei a vontade de grudar nele. O rosto de modelo e o brilho dos olhos verdes fazem meu coração saltar uma batida e outra. O corpo forte e malhado atrai mais mulheres do que eu posso suportar, não bastasse a aparência, ainda é rico, e o melhor, um cara legal. Mas é lógico que fora da Amandalândia este príncipe encantado nunca vai me enxergar...

Suspiro de frustração, porque se morro por ele, nem chance de ele me olhar como um homem olha para uma mulher.

Ele e meu irmão Juliano são amigos desde o infantil e foi assim que me tornei uma estepe de irmã caçula para ele também. Os dois são tão próximos

que, quando chegou a hora de prestar vestibular, escolheram o mesmo curso: Direito. Passaram na UFMG e se destacaram como alunos brilhantes.

Naquele sábado, em meio aos preparativos para o churrasco dos formandos, os dois estavam muito alegres, concluindo a graduação aos 22 anos de idade e já aprovados no exame da OAB.

Era dia de comemoração. Exceto para mim, que não posso brindar um coração partido. Hoje estou mais para ouvir as canções da dupla Edson e Hudson e acabar com as trufas de chocolate que o buffet vai servir à tardinha.

Quando a loira finalmente conseguiu arrancar um beijo dele, eu me afastei. Affe! Chega. Não respondo por mim se continuar aqui.

Ainda ontem ouvi meus pais comentando que, após a formatura, o Alex pretende morar um tempo na Itália, pois o tio dele, Giuseppe Ferrari, é um grande jurista e o convidou para estagiar em sua empresa, antes de assumir os negócios que herdou do pai e que o irmão mais velho, Matteo, gerenciava sozinho.

Alex sempre me tratou com carinho e acho que nem suspeita da minha paixão, que começou aos 14 anos. Agora, aos dezessete, não tenho a menor chance de ser correspondida e, para piorar, tenho de lidar com o fato de que em breve ele vai embora do Brasil e nem vê-lo eu poderei mais.

Afastei-me da agitação. Os olhos marejados. Um nó gigante se formando na garganta. Deitei-me na rede na lateral da casa e me surpreendi quando, minutos depois, o Alex apareceu.

— Por que não fica na piscina com a gente, Amandita? Sempre foi tão festeira... — Ele beijou a minha mão como sempre fazia, completamente alheio às reações que despertava em meu corpo adolescente.

— Uai, passei por lá, mas pensei que estivesse muito ocupado com a Barbie pra notar minha ausência. — Eu me esquivei do contato e saí da rede irritada.

— Hahahaha... A Barbie? Só você mesmo. Sabe que com esse biquinho fica ainda mais gata?

Alex apertou minhas bochechas como se eu fosse uma garotinha de seis anos e se afastou. Acompanhei seus passos a distância, enquanto ele entrava apressado na casa.



Fico furiosa quando me tratam como criança. Engoli um “vai te catar” e marchei entre a varanda e a quadra de futebol. Acabei encontrando minhas irmãs. Estavam no pequeno quiosque em frente à lagoa. Aquele sítio era o orgulho dos meus pais e sempre amei estar ali, mas hoje... hoje eu estou apimentada.

Nada conseguia desviar meu pensamento do Alex com a Barbie.

— O que foi, Mandinha? Que cara é essa?

Mandinha, Amandita, por que ninguém me chama de Amanda? Estou tão cansada de diminutivos... Ia dar uma resposta mal-educada, mas vi a expressão preocupada da minha irmã mais velha e desisti. Ela não tem culpa do que estou sentindo.

— Não foi nada, Clara. Estou com uma dorzinha chata de cabeça.

Mas antes que a Clara, médica residente, me prescrevesse algum medicamento, a bruxinha da família se manifestou:

— Hum, eu conheço um chá excelente! — ofereceu minha irmã do meio, que se aproximou de nós rapidamente.

Eliane tinha se formado em Nutrição e feito pós-graduação em Fitoterapia Aplicada à Nutrição Clínica. A Li é mística, mais zen, e acredita na cura através da natureza. Fascinada por medicina alternativa, lê tudo a respeito de cura natural, alimentos orgânicos, sucos detox e seus benefícios para a saúde. Abriu uma loja há alguns meses e criou a própria marca de produtos naturais e ia superbem. Como eu e a Clara éramos suas cobaias favoritas e no último experimento passamos dois dias com dor de barriga, andávamos na defensiva com ela.

Olhei para ela, rejeitando sem muito tato a sugestão de tomar mais um de seus inventos naturalescos assustadores:

— Não precisa, mana. Já tomei um analgésico e estou melhorando.

— Vocês e suas alopatias, custa dar uma chance à natureza?

“Não, se você tornar seus experimentos algo mais palatável”, quase falei, mas segurei a tempo para não ferir seus sentimentos.

— Onde estão seus respectivos noivos? — perguntei, justamente para

desviar a atenção de mim.

— Participando do churrasco. Mais precisamente jogando sinuca — afirmaram as duas quase em uníssono.

— Acho a combinação de mulheres e churrasco um perigo para os homens comprometidos e tem duas colegas do Juliano que não saem de perto deles — concluiu Eliane, pensativa.

— Não sou insegura, eu sei que o Leo me ama. Por acaso, esta é mais uma de suas conclusões medicinais? — Clara provocou, fazendo uma expressão cômica.

Eliana fez uma careta.

— Por acaso está insinuando que o Otávio não gosta de mim?

— Estou?

— Não enche.

— Não quero te irritar propriamente, Clarinha, mas que vi uma morena jogando charme pro Leo, isso eu vi.

Não precisou repetir e a Clara resolveu checar a informação imediatamente.

— Vou caminhar um pouquinho — afirmei, já me afastando, antes que a Li protestasse.

Eu adoro minhas irmãs, mas subitamente me arrependi de ter vindo atrás delas, porque estão apaixonadas e são tão felizmente correspondidas, que ficar perto delas agora é contraindicado.

Nós três somos unidas, mas diferentes em muitos sentidos. A Clara é a irmã mais velha, tem 27 anos, mais objetiva, racional e inteligente. Fez medicina na UFMG e trabalha e estuda demais. Chega a ser careta de tão certinha. O pouco tempo que tem de folga dedica a passar algum tempo com a família. Fisicamente puxou à minha mãe, é loura de olhos azuis. Alta, corpo esbelto, seus cabelos são lisos e cortados na altura do ombro e tem um sorriso lindo. A Eliane tem 25 anos, parece com a Clara fisicamente, mas é mais baixa, usa os cabelos longos até o meio das costas e os olhos são de um tom de azul quase cinza de tão claro. É mais sonhadora e carinhosa. As duas vivem discutindo remédios tradicionais *versus* remédios naturais.

Meu irmão, o Juliano, completou 22, parece mais com meu pai. Cabelos castanhos, olhos no mesmo tom, é alto, forte e moreno-claro. É pegador assumido e foge de compromissos.

Sou a baixinha da família, com 1,60m. Minha pele é morena-clara, como a do Ju, tenho os cabelos cor de mel, ondulados e compridos até a cintura. Meus olhos são no mesmo tom dos cabelos.

Eu pretendia jogar algum tempo fora sozinha, mas meus pais me chamaram para almoçar com eles e adiei o passeio. Só uma hora depois é que saí para

caminhar um pouco.

Era final de novembro. Concluí o último ano do nível médio e ainda não tinha prestado vestibular porque não me decidi quanto ao curso. Não quero forçar a barra para escolher e meus pais, sempre muito compreensivos, concordaram. Fiz minha matrícula num cursinho excelente e até o meio do próximo semestre acredito que já tenha feito minha opção.

Sentei-me à margem da lagoa a uns quinhentos metros da casa e ali fiquei até o sol se pôr.

Quando voltei para a casa, notei, com alívio, que já não havia tantos veículos cercando a propriedade.

Um dos formandos, Yuri, veio ao meu encontro e insistiu para que eu lhe fizesse companhia. Ele é um pouco mais alto do que eu, filho de japoneses, é bonitinho e teria chance comigo se meu coração não tivesse sido roubado. Aceitei ao ver que a Barbie já não estava lá. Tirei meu short jeans e a blusa de malha, revelando um biquíni preto minúsculo, que realçava meus seios volumosos e as curvas do meu corpo. Sim, porque sou baixinha, mas tenho curvas.

Tanto Yuri quanto Alex me encararam boquiabertos, mas fingi que não vi e caí na piscina.

— Puxa, cara, você não me disse que sua irmã era assim tão linda.

Para surpresa de Juliano foi Alex quem respondeu:

— Nada de gracinhas com ela, hein, Yuri, deixa nossa caçulinha em paz.

Juliano riu alto, mas não deu para segurar minha irritação. “Caçulinha?!” Uma menininha, era assim que ele insistia em me ver. Pois ele ia ver só quão levada esta menininha pode ser. Chamei o Yuri para nadar comigo e, pelo resto da tarde, provoquei o rapaz, até dançamos forró, gostei de ver que Alex acompanhava cada um de meus passos.

Completamente caidinho por mim, o Yuri só foi embora depois das dez, mesmo assim sob “livre e espontânea” pressão do meu irmão ciumento e do seu recém-contratado assessor para assuntos de honra, no que tocam a esta primeira pessoa que vos narra a história.

Isso mesmo, deixei o príncipe tapado com cara de tacho. Bem-feito! Como eu já disse, hoje meu nome é Pimenta e o sobrenome é Jalapeño.

Àquelas alturas, tanto Alex quanto Juliano já estavam altos com a quantidade de cerveja que tomaram.

Peguei um vinho branco geladinho e bebi algumas taças também. Eu sei, sou menor de idade e não costumo beber, mas esta noite estou mal-intencionada: passei o bico no garçom, engaiolei a boa moça e libertei a vilã. Yes!

Por volta das onze da noite, a equipe que serviu o buffet foi embora, só

ficamos eu, Alex e o Ju na piscina. Então, já muito atrevidinha para o meu gosto, e lutando para disfarçar minhas intenções, dei boa noite para eles e fui me deitar, ou pelo menos é o que eu pretendia.

Mas eu ia aprender em breve que entre o que eu pretendia e o que realmente queria existia uma megadistância.



In Vino Veritas²

Escovei os dentes e me olhei no espelho. Bochechas cor de morango e o rosto esquentando só de pensar no crush sem camisa. Pior é que eu sabia o que se escondia atrás daquela sunga. Ai, ai, Santo Antônio das moças solteiras e apaixonadas, me liberta desta fixação, deste amor não correspondido!

Pensei no beijo dele. Como seria o gosto? Eu realmente precisava de um banho frio, mas não queria acordar a Clara e a Eliane, que já estavam no sexto sono.

Vesti meu baby doll preto de cetim, com uma pantera linda bordada sobre o seio esquerdo e me perguntei por que o Alex não era o Yuri, ou vice-versa. Seria tão fácil provar aquela boca!

Estava encalorada, com pensamentos nada angelicais e totalmente sem sono. Saí da piscina justamente para não dar bandeira na frente do Ju. O vinho doce e suave despertou ainda mais minha vontade de ficar com o Alex e eu tinha medo de me expor e depois me arrepender.

No começo do dia jurei me declarar, mas depois que o vi beijando a Barbie, pensei bem e vi que seria bola fora.

Ainda no banheiro me olhei no espelho e, pela primeira vez, me admirei. Meus pais costumam dizer que eu tenho o rosto delicado e em forma de coração. Meu pijama acentuava os seios volumosos e as pernas bem torneadas. Eu não estava de jogar fora. Se me visse naquele momento, aposto que o Alex não usaria diminutivos.

Para não acordar minhas irmãs saí do quarto pé ante pé. Com exceção do

Ju, que também tinha entrado e estava dormindo sozinho no sofá da sala com a TV ligada, e ressonando pesadamente, a casa agora era só silêncio. Cheguei rápido à cozinha e bebi um copo d'água geladinho para tentar apagar aquele fogo chamado paixão, que me tirava do sério.

Perguntei-me se o Alex ainda estaria na piscina, mas já no corredor notei que o quarto do meu irmão estava entreaberto e com a luz acesa. Num impulso empurrei a porta e entrei.

Quando vi que o Alex estava jogadão na cama de casal e sozinho, 😍 não resisti e me aproximei. O quarto tinha ainda um beliche. A bermuda que ele usou mais cedo fora jogada ali de forma displicente. A cueca também.

Meu Deus! Ele estava sem nada, sem nadinha!

Olhei para ele com sinal de pisca-alerta ligado e um tsunami de desejo lambeu meu corpo. O rosto lindo parecia tão tranquilo... Os braços musculosos estavam expostos e apenas um fino lençol cobria seu corpo da cintura para baixo, revelando a barriga tanquinho. Ele mexeu, escorregando mais um pouquinho daquele lençol para baixo.

Haja autocontrole! Temendo que o Alex ou alguém me flagrasse ali fechei a porta e apaguei a luz. Não me movi antes de me acostumar com o escuro. Só então notei que pela janela de vidro passava a luz da lua que, suavemente, iluminava o aposento.

Pela primeira vez, não senti medo ou vergonha de meus sentimentos. Desculpa aí, Nossa Senhora da Moral e dos Bons Costumes, mas estou apaixonada e isso deve me dar uma espécie de bônus ou, como diria meu paizinho juiz, alguma atenuante.

Vamos combinar que meu crush ia fazer uma longa viagem, “far far away”...

E lembrando o meu pai, ai, ai, se ele soubesse os pensamentos que guardo em relação ao amigo do meu irmão eu provavelmente estaria trancafiada agora. Ou, pelo menos, usando cinto de castidade. 😳

Fiquei ali num dilema de 15 minutos discutindo com a minha consciência, e claro que a falta de juízo ganhou, então, não mais resisti e me deitei ao ladinho dele, sim, eu fiz isso.

Levantei o lençol só um pouquinho, depois um muintinho e me aconcheguei a ele. Pensa em alguém feliz. Eu estava mais aconchegada e satisfeita naquele momento do que a Floquinho, minha gata, quando ganha um petisco e depois se enrosca no meu cobertor para lambe as patinhas. Cheguei o rosto pertinho dos seus cabelos como sempre quis fazer e, sério, o homem cheirava bem mesmo depois de uma bebedeira. A razão me dizia para sair de lá, mas decidi que alguns minutos a mais não fariam mal algum, né? Afinal, era apenas um gesto inocente

e minha única oportunidade de tê-lo assim tão próximo.

O cheiro dele mesclava álcool e o perfume cítrico habitual. Fiquei ali pertinho, imaginando e querendo coisas que eu sabia que só iam acontecer na minha cabeça. Eu me senti tão feliz naqueles poucos instantes e não sei se foi o vinho, ou aquela sensação gostosa de estar ao lado dele, mas peguei no sono.

Algum tempo se passou e sonhei que o Alex me tocava pela primeira vez. Não como amigo, mas como namorado. Nossos lábios se uniram num beijo com o qual sempre sonhei. Ele envolveu meu rosto, minha cintura e a cada segundo o contato entre nós se tornava mais íntimo.

Senti coisas que nunca senti naquele sonho. Eu estava excitada. O corpo dele contra o meu, sua virilidade roçando minha intimidade, o contato das mãos, ficar com ele me tirava o fôlego, a razão e era tudo o que eu queria.

Meu sonho não tinha limites. Quem poderia me culpar por sonhar? Correspondi a cada beijo e toque do Alex de forma ansiosa e apaixonada. Então senti os lábios dele nos meus seios. Ele sugou um, depois o outro, foi deixando um rastro quente e molhado até tocar o interior das minhas coxas. Aí era demais. Para tudo! Parecia tão real... Tão real que despertei do encantamento.

E foi aí que percebi:

Não era um sonho!

As mãos que me exploravam de forma tão ousada eram reais. E aquela boca provando minha pele não era faz de conta. O que eu fiz? Eu não gritei, não me afastei, continuei me derretendo todinha embaixo dele.

Quando o Alex tirou meu short e a calcinha tremi um pouco. Quase hesitei, aí aquela boca gostosa cobriu meu sexo e esqueci até quem eu era e onde estava. Segurei o lençol e mordi os lábios para não gritar. Arqueei meu corpo quase me derretendo de prazer.

Ainda sentia o sexo pulsando do orgasmo quando ele buscou minha boca num beijo de língua. Senti meu gosto nele, mas não repeli. Era tão íntimo que me excitou mais. Toquei seus ombros, o cabelo, o puxei para mim e senti o membro excitado roçar minha entrada. Então ele disse:

— Você está tão molhada...

Fiquei imóvel um instante, sem coragem de responder, com medo de que tudo acabasse, de que ele descobrisse o que eu fiz, não queria dizer nada, mas soltei um gemido quando ele me tocou lá embaixo com os dedos, enfiou um, depois dois e, mais uma vez, me fez retorcer de prazer.

Ele cobriu minha boca novamente, nossas línguas se enroscando, uma das mãos ainda explorando minha intimidade, a outra em meu seio, fazendo com que eu quisesse mais e mais daquela perdição. Quando ele sussurrou “Amanda” em meu ouvido, meu coração acelerou mais e aí me dei conta de que ele sabia que

estava comigo. Sim, ele sabia! Cada célula do meu corpo saltitava agora de alegria, no ritmo de carnaval.

Ele ainda disse:

— Você me provocou o dia todo. Não suportava mais ver aquele babaca dançando com você.

— Pensei que não se importasse comigo — sussurrei.

— Mesmo sendo errado, sempre me importei. Eu te quero tanto que chega a doer.

Aquelas palavras acabaram com toda e qualquer resistência que ainda pudesse ter. Queria gritar de felicidade.

“Ele me quer, ele me quer!”

Então ele continuou aquela tortura com as mãos e a boca. Quando pensei que ia pegar fogo, ele me segurou pela cintura e entrou em mim de uma vez. Se eu queria que a minha primeira vez fosse com ele? Claro. Mas... pelas garras da minha gata, isso doeu. Doeu. Demais.

E não tínhamos nenhuma proteção, era muita irresponsabilidade, e eu sabia. Sabia e ainda assim eu me arrisquei. Senti lágrimas nos olhos. O certo seria afastá-lo, a dor fez com que eu me retraísse, mas ele pareceu sentir minha reação, pediu desculpa por me machucar e reiniciou os carinhos, o desconforto foi suavizando e depois de alguns instantes senti algo mais além de dor, havia prazer e foi isso que tornou minha primeira vez um momento mágico e inesquecível. Quando ele viu que eu tinha chegado lá, também se entregou e se derramou em mim.

Após alguns instantes, rolou para o lado e me puxou para cima dele. Recostei a cabeça em seu peito e vi que o coração dele estava tão acelerado quanto o meu.

— Eu te amo... — eu disse.

Ele murmurou algumas palavras que não compreendi, depois me abraçou e fechou os olhos. Aos poucos, relaxei, mas não levou muito tempo, o Alex me amou novamente. Não foi confortável, porque ainda estava dolorida, mas eu queria ficar com ele mais uma vez, era um desejo forte e irresistível, nem notei que a noite estava acabando, e antes que a realidade nos chamasse de volta, adormecemos profundamente.



“Tudo que é bom dura pouco”. Isso é uma megaverdade. Passava das nove quando minhas irmãs notaram minha ausência no quarto. Deixei a cama intocada desde a véspera. Como eu não acordava cedo no fim de semana e nem esticava a cama em seguida, óbvio que elas ficaram preocupadas e me procuraram por toda a casa, mas, para meu desespero, foi meu pai quem abriu a porta do quarto do Ju e se deparou com a cena que quase o levou a um infarto. Porque naquela cama, eu e o Alex estávamos num mundo à parte, lá nos braços de Morfeu, abraçados e nus.

Acordamos ao som das vozes alteradas. Melhor, despencamos diretamente do Mundo da Lua para o Planeta Terra em questão de segundos e nos encaramos surpreendidos. Ele mais do que eu, confesso, porque fui euzinha que me enfiei debaixo do seu lençol, sorrateiramente e sem convite.

“Perdão, paizinho, mãezinha!”, suplicavam meus olhos sem que eu conseguisse falar nada. A decepção estava ali na cara deles, assim como a surpresa estava na das minhas irmãs.

Constrangidos, tentamos nos cobrir com o lençol. E foi um puxa daqui e dali que não cobriu foi nada direito. Que SITUAÇÃO, gente! “Surpreendidos e Pelados” em plena exposição familiar!



Eu não sabia o que dizer e pensar. Olhei para a Amanda com uma interrogação enorme no rosto. Ela era meu sonho proibido, a razão pela qual vinha me segurando há meses, vê-la nua ao meu lado era como ver meu desejo se materializando. Fechei os olhos e revivi flashes da noite que passei ao lado dela. Achei que estava sonhando. Não podia ser... aquilo foi real? Claro que foi.

Bebi demais na véspera, é verdade, mas não dava para negar que fizemos

sexo. Olhei para a plateia na porta do quarto e passei a mão pelos meus cabelos sem saber como eu ia me explicar.

— Posso saber o que isso significa? — perguntou o Antônio furioso.

— Pai, desculpa, eu... — Amanda tentou falar.

— Isso não tem desculpa, mocinha! — Em seguida, ele voltou sua atenção para mim. — Como teve coragem de seduzir minha filha dentro da minha casa, Alex?

Olhei incrédulo para ele, um homem a quem eu queria bem como a um pai, e depois para Amanda sem saber o que dizer, como me explicar. Estava envergonhado, sem palavras.

— Espera — pediu Antônio arrasado —, antes de me responder, por favor, tratem de se recompor. Não quero falar nem fazer algo de que me arrependa depois. Vistam-se, vou esperar na sala. Que vergonha, Meu Deus! — Saiu atordoado e batendo a porta com força. A mãe e as irmãs de Amanda acompanharam-no não menos perplexas.

Saí da cama, encontrei a cueca no beliche e a vesti depressa. A Amanda fez a mesma coisa com a calcinha e o baby doll, mas tentei não olhar, pelo menos não tão descaradamente. Quando ela terminou de se vestir, a encarei confuso.

— O que vamos falar pra eles? Como isso aconteceu?

Amanda corou e desviou o olhar.

— Você não se lembra de nada? — ela perguntou.

— Não... quer dizer, lembro, mas pensei que era um sonho, bem real é verdade, nossa, minha cabeça está doendo, quando me deitei ontem não estava com você ou estava?

Ela negou, os olhos marejados, a expressão magoada.

— Me perdoa, Alex. Foi culpa minha. Acho que foi o vinho que me deu coragem, a verdade é que você estava dormindo quando entrei aqui e acabei me deitando ao seu lado.

— Como assim, Amanda?!

— Você vai embora e eu... eu sempre gostei de você. Te amo há tanto tempo, Alex. Só queria te sentir pertinho, ainda que por alguns instantes. Então adormeci e quando acordei você me tocava de um jeito que... não deu pra resistir... — Ela fitou o chão, como se não soubesse o que dizer para se desculpar.

— Por que não me empurrou? — Ela estava dizendo que gostava de mim? Como não notei antes?

— Não consegui. — Ela ficou vermelha de novo, provavelmente ao lembrar o exato momento em que acordou.

— Como você deixou que isso acontecesse, Amanda?! Sabia que eu estava

bêbado. Tinha que ter gritado, me empurrado, sei lá...

— Eu sei. Quando deitei aqui, nem por um minuto acreditei que a gente ia tão longe. Então você falou meu nome, disse que me queria e eu fiquei tão feliz. Não medi as consequências dos meus atos. Não pensei que fosse dormir e acordar com minha família entrando aqui. Infelizmente, não acordei a tempo de sair do quarto. Acha que queria magoar meus pais desse jeito? Sabe que eles são conservadores, que vergonha... Você precisa me desculpar. Não quis forçar essa situação.

— Não quis? — eu a interrompi, sentindo-me um canalha por ter feito o que fiz, por sentir desejo por uma menina que vi crescer. Lutei tanto para me segurar, aquilo não podia estar acontecendo. — Você entrou no meu quarto, deitou na minha cama sabendo que eu estava bêbado, se não quis forçar fica difícil acreditar. Eu te pergunto como vou encarar seu irmão e seus pais. Eu... eu sempre te vi como...

— Como a caçulinha do Ju? — interrompeu ela.

— Isso — menti.

— Está mentindo, não foi o que me disse esta noite quando me tocava.

— Por Deus, Amanda, na cama a gente fala qualquer coisa.

Vi que ela quis desaparecer de vergonha quando eu disse aquilo.

— O problema é que você me vê como uma criança. Tenho noção das coisas, Alex, faz tempo que eu me apaixonei por você; e se quer saber, não me arrependo de um só segundo do que aconteceu nesta cama.

— Você não sabe o que está dizendo, confundiu tudo, confundiu a amizade e o carinho que sinto por você.

— Quando estávamos juntos — e ela corou ao pensar na noite de amor —, você deu a entender que me queria tanto quanto eu te queria, porque falou o meu nome, e a forma como me tocou, eu sei que não se pode fingir algo assim. Posso não ter nenhuma experiência pra comparar, mas eu senti seu desejo.

Ela estava certa. Não podia ser cínico ao ponto de negar. Sempre me recriminava por qualquer forma de pensamento indecente que tivesse com Amanda, mas a verdade é que há algum tempo a via como um homem vê uma mulher e, na véspera, ao ver a forma como Yuri tentava ficar com ela, senti um ciúme terrível.

— Deus! Toda essa loucura vai prejudicar nossas vidas. Você é menor de idade. Sua família sempre me recebeu de braços abertos, agora me sinto péssimo. O Juliano vai me odiar por isso.

— Não quero atrapalhar a vida de ninguém. Você nem se lembra do que aconteceu, eu vou contar a verdade. A culpa é minha. — Ela fez menção de sair, estava arrasada. Odiei ser o motivo de dor e decepção para ela.

— Espera! — Bloqueei sua passagem, roçando sem querer o braço nos seus seios. Era para ser nada, mas o simples contato nos surpreendeu pela forte atração. Nossos corpos estavam perigosamente próximos, fiquei excitado e levou algum tempo até que eu encontrasse as palavras certas: — Olha, não sei mesmo o que está acontecendo com a gente, mas sei que vai magoar seus pais se disser que ficamos juntos porque se enfiou na minha cama. Eles te tratam como uma princesa, não quero destruir essa imagem. Estou decepcionado comigo e com você, mas preciso assumir o que fiz, porque mesmo pensando que era um sonho eu continuei e foi bom demais.

Amanda corou quando eu disse aquilo, a encarei confuso e a abracei. Então ela não aguentou e chorou.

— Calma, vai dar tudo certo, linda.

Eu não podia negar que a desejava, porque tudo que queria naquele momento era tocá-la novamente, passei a mão no cabelo afastando tais pensamentos, certo de que estava enlouquecendo.

— Agora, por favor, veste alguma coisa decente. Eu vou fazer o mesmo. Precisamos conversar com eles e não consigo pensar com você me olhando assim e ainda por cima usando isso.



“Amor é para sempre
Sexo também
Sexo é do bom
Amor é do bem...”
Amor e sexo,
Rita Lee

Não dava tempo de tomar um banho demorado, mas tomei um banho de gato e gastei algum tempo escovando os dentes. Arrumei rapidamente os cabelos, passei meu perfume de baunilha da Victoria's Secret, escolhi um vestido de malha leve e curto e calcei minhas sapatilhas pretas. O Alex ainda estava de chinelo quando bateu à minha porta. Vestia uma bermuda cáqui e uma blusa branca. Notei que ele fez a barba e estava ali com aquele cheiro delicioso que me fazia querer subir pelas paredes.

Olhamo-nos sem jeito, eu doidinha de vontade de me apertar naqueles braços, mas me segurei. Fomos para a sala, onde todos nos esperavam. Juliano, que tinha acordado há pouco com a “novidade”, quis avançar no Alex sem poupar acusações, mas o Leo e o Otávio, que dormiram na casa de hóspedes, foram recrutados para o Tribunal da Santa Inquisição dos Oliveira de Arantes e o seguraram. Todos estavam alterados e foi a muito custo que o Alex conseguiu falar:

— Olha, gente, eu sinto muito pelo que aconteceu. Estou muito envergonhado. Bebi e perdi a noção dos meus atos.

— É isso que tem pra me dizer? Que bebeu tanto a ponto de perder a noção

dos seus atos? — perguntou meu pai muito zangado.

— Desculpa, Antônio, eu sei que errei. Não tenho palavras para justificar a minha atitude e falta de respeito com a sua família, mas... — o Alex olhou para mim e senti que se odiou pelo que iria dizer — apesar de ter feito o que fiz por ter bebido demais, a verdade é que eu não fiquei com a Amanda por ficar, nós nos apaixonamos e, como estávamos altos, perdemos o controle. Quero que saiba que eu tenho as melhores intenções com ela.

“Oi?” Eu não podia acreditar no que estava ouvindo. O que Alex pretendia agindo como um cavalheiro do século XIX e falando aquela mentira deslavada? Não, não podia deixar que ele se sacrificasse por respeito à minha família. Antes que eu pudesse contestar, meu pai o repreendeu:

— A Amanda é muito jovem para namorar sério.

— Eu sei que ela é nova, não estou falando em casamento agora, eu quero, sim, um compromisso, mas vou esperar ela estudar e estar pronta para dar um passo mais sério.

O que diabos ele estava inventando agora? Terra para Amanda. Eu devia estar fora de órbita para ouvir aquilo.

— Eu nem sei o que dizer, rapaz.

— A gente não escolhe por quem se apaixona. Foi mal, Ju.

— Foi mal o *cazzo*³! — E o Juliano se soltou dos cunhados plantando um soco na cara do Alex, que caiu pra trás sem reagir.

O Leo puxou o Ju pelo braço e o Otávio ajudou o Alex a se levantar. Agora eu chorava mesmo sem querer.

Meu pai pareceu refletir em tudo que ouviu do Alex, passou a mão no cabelo castanho e espesso, que já tinha alguns fios grisalhos.

— Alex, gosto de você como se fosse meu filho, conheço suas qualidades, mas eu nem sei contar quantas namoradas você me apresentou nos últimos quatro anos. Ontem mesmo estava agarrando aquela loura na piscina. Está certo do que sente pela minha filha?

— Pai, eu...

— Cala a boca, Amanda, mal consigo olhar pra você. Saiba que nunca senti tanta vergonha na vida. Nem suas irmãs, que são noivas, nunca me fizeram passar por um constrangimento desses.

Não consegui evitar aquele gosto de culpa, Alex notou que eu quase me encolhi, lágrimas desciam pelo meu rosto sem que eu pudesse segurar. Ele se aproximou e segurou minha mão, fazendo um carinho em meu rosto. Novamente afirmou que estávamos apaixonados, que ficou com a Barbie porque não conhecia meus sentimentos e que nos deixamos levar pelo álcool e pelas emoções quando nos declaramos.

Era uma História da Carochinha que eu nunca compraria, mas pelo visto meus pais acreditaram.

— Cara — disse o Juliano —, que decepção.

— Ju, eu entendo o que você e seus pais estão sentindo, mas não dá pra voltar atrás. Se ajuda alguma coisa, te dou minha palavra que faz um tempão que estou lutando para esconder o que sinto por ela...

— Alex, você não fez nada sozinho! — protestei.

— Ela está certa — interveio Clara, mas o Juliano estava muito irritado e pediu que as duas se calassem.

— Eu sei que a Amanda é muito nova, mas aconteceu e a gente tem planos de ficar juntos. Pode parecer uma decisão precipitada, mas mesmo assim ficarei muito feliz em um dia fazer parte de uma família que sempre considerei como minha.

Então Antônio olhou para a filha.

— Você gosta tanto dele assim, filha?

“Hein?!” Fui pega de surpresa com a pergunta. Olhei para o Alex, eu não tinha dúvidas do que sentia, mas e ele? Resolvi ser honesta e depois daria um jeito de acabar com o suposto compromisso sem magoar ninguém.

— Eu o amo, pai.

Apesar do clima tenso, as expressões se suavizaram. Tipo quando passa aquela cena de suspense em que se prende até a respiração, aí acontece o desfecho e só depois é que a gente relaxa. Ninguém ousou perguntar mais nada. Nem eu.

Pouco antes do almoço, o Alex arrumou a mala e se despediu sem coragem de permanecer no sítio. Triste, o acompanhei até o carro.

— Vou contar a verdade. Não quero empatar sua vida só porque ficamos juntos uma noite.

Ele me olhou sem conter a impaciência.

— Não piore as coisas. Devia ter pensado antes de se enfiar sob o meu lençol, mocinha, agora não ouse me desmentir.

Meus olhos marejaram e ele me deu um selinho, e depois me encarou como se estivesse se segurando para não me beijar de verdade.

Ele guardou a bolsa de viagem no banco de trás do carro. Ao se sentar no volante ainda olhou para mim mais uma vez. Eu estava com um vestido leve e curto que acentuava as curvas do meu corpo e o cabelo solto. Engoli em seco e ele arrancou o carro, sem sequer olhar pelo retrovisor.

Fiquei olhando a BMW se afastar com lágrimas nos olhos. Era certo gostar tanto de alguém ao ponto de não se importar com a opinião de ninguém? Que idiota que eu sou. Decepionei todo mundo e ainda assim não conseguia tirar

aquela noite da minha cabeça. Ok, eu confesso, não conseguia e não queria.



“Eu troco minha alma por um pedido
Moedas e centavos por um beijo
Não estava procurando por isso
Mas agora você está no meu caminho...”
Carly Rae Jepsen⁴

Alguns dias se passaram e, com exceção da Eliane, nenhum membro da família quis conversar comigo sobre o que aconteceu no sítio. Ah, tem a Floquinho também, que é uma amiga e tanto e me escuta um monte. Preciso falar dela. Eu a encontrei na rua há uns cinco meses, ferida e abandonada, quando era filhote. Ela é branca com manchas pretas, bem alta para ser um gato comum, é carinhosa comigo e muito inteligente também. Foi bem aceita pelos meus irmãos, e mesmo os meus pais que implicam um pouco, já entenderam que ela agora é parte da família. Ela é, sem dúvida, quem mais escuta minhas confidências sobre o Alex, e sempre que o vê corre para o colo dele. Gato sabe o que é bom, gente, nisso podemos concordar.

E por falar no danado, todos os dias eu recebo um SMS, em que inalteradamente, o Sr. Príncipe dos Lençóis pergunta como eu estou. Eu respondo que estou ótima, com um emoji sorridente, pois não vou dar o gostinho de dizer que longe dele eu me sinto um trapo. 😞

Oi, Amanda, tudo bem com você?
Tudo, e com você?

Ele sempre responde:

Formando, linda.
Isso eu sei 😏, né?!
Então tá. Só pra saber.
Ok!

Não tinha mais o que falar e, pelo visto, ele nem queria. Nossa mensagem final era um emoji: 🙄



Mais uma semana se foi e me surpreendi com a presença do Alex lá em casa. Quando a Neide (nossa antiga babá e atual salva-vidas para assuntos domésticos e humanos) foi me chamar, eu me olhei no espelho e ajeitei o cabelo, depois passei um batom nude, meu perfume de baunilha e saí do quarto com o coração aos saltos.

— Calma, menina. O moço não vai desintegrar não.

A Neide era negra, estava com seus 40 e poucos anos. Veio da Bahia ainda moça e trabalhou para os meus pais desde então. Nunca se casou, era baixinha, elegante, andava sempre maquiada e muito bem-humorada. Usava os cabelos trançados e tinha um coração do tamanho do mundo. Oh, como eu chorei no colo dela, viu... e que colinho bom.

— Eu sei, Neidoca. Nem estou com pressa!

— Ah não, é?

— Só um pouquinho!

— Tá, me engana que eu gosto!

Dei uma beijoca na bochecha dela e corri para a sala de estar.



Eu nem sabia por que tinha ido lá. Sério mesmo, me segurei o quanto pude, mas a verdade é que aquela noite não saía da minha cabeça e me custou muitos banhos frios.

Quando a vi me aproximei cauteloso. Ela estava com uma blusa curta soltinha, que deixava o umbigo de fora e um short preto de malha, como se tivesse escolhido a roupa certa para me provocar.

Trocamos três beijinhos castos que eu queria transformar num beijo de língua. Por algum tempo, só a encarei. Estava zangado com ela e mais ainda comigo, porque só de vê-la se aproximar meu corpo reagia, ganhava vida própria. Eu não entendia e não gostava nem um pouco de me sentir tão vulnerável perto dela. Tentei disfarçar e quebrei o silêncio:

— Vim dizer que mesmo te namorando, não pretendo mudar meus planos. Você é muito nova, ainda vai cursar uma faculdade, tem muito que aprender, eu pretendo ir para a Itália e fazer minha pós-graduação. Meu tio conta com isso e essa viagem está programada há muito tempo. Tudo bem?

— Estamos namorando?

— Pra sua família sim.

— Um “fakenamoro”...

— De certa forma...

— Hum, eu não te pedi nada, Alex, e nem tenho esse direito. Você sabe que por mim teríamos contado a verdade. Quanto mais penso, mais tenho certeza de que não faz sentido você se prender a mim com um compromisso que não quer, ainda que seja fake. Não estamos no início do século passado e não acho certo.

Ela jogou uma mecha do cabelo de lado. O decote da blusa realçando os seios cheios e redondos, metade das coxas à mostra, engoli em seco, mas nitidamente ela não notou.

— Você não me ama e somos muito novos para assumir um compromisso tão sério. Sei bem que não quer se amarrar, até porque suas Barbies não duram mais de um mês.

— Minhas o quê?

— Suas Barbies. Tem noção de quantas loiras me apresentou nos últimos

meses? E ao contrário das minhas irmãs, nem loira eu sou.

Ela ergueu a sobancelha esquerda esperando minha resposta. Mordeu o lábio superior e me vi ali imerso num tipo de encantamento. Linda! Então me aproximei dela e a puxei pela cintura. Senti que estremeceu quando a toquei. Com a boca quase encostando em seu ouvido, perguntei:

— Você sentia ciúme delas?

Amanda não gostou da pergunta e me empurrou.

— Não seja convencido.

Para sua surpresa, eu me aproximei novamente e segurei em seus braços, colando a boca na dela.

Ela ia protestar, mas quando abriu a boca, nossas línguas se enroscaram e posso apostar que esqueceu qualquer desaforo que pudesse soltar, porque agora estávamos muito próximos e nos tocávamos de uma forma que me fez perder a cabeça.

Eu tinha uns vinte centímetros a mais do que ela, não era exageradamente forte, mas não foi difícil erguê-la do chão e fazer com que rodeasse minha cintura com as pernas. Não demorou e estávamos contra a parede, nossos corpos se buscando e querendo muito mais do que apenas um beijo. Quando ela sentiu minha excitação, recuperou a razão e me empurrou.

— Alex, aqui não!

Eu a coloquei no chão, tão surpreso quanto ela com a combustão entre nós dois. Uau! Olhei para sua boca um pouco atordoado. Levei alguns instantes para me acalmar.

— Não sei o que está acontecendo com a gente, mas sei que é forte. Deus, que loucura! Você é tão nova, acha que gosta de mim, mas pode ser só uma atração.

Ela não respondeu, entendi que não quis se expor ainda mais. Continuei falando, como se quisesse me convencer e não a ela:

— O que aconteceu entre nós aquela noite e o que aconteceu agora não tem nada a ver com amor. Foi sexo. Só isso. Estamos sexualmente atraídos.

— Você é um babaca. Acha que todo mundo é volúvel e superficial? As pessoas se apaixonam, Alex. Não me enfiei na sua cama porque queria sexo... eu queria o seu coração.

Eu ri, não sei se de desespero ou raiva de mim mesmo.

— Você está com a cabeça cheia de ilusão.

— Melhor não falar mais nada. Prefiro pensar que minha primeira vez foi com um cara legal.

Fiquei puto. Se estava sendo um idiota, a culpa era dela que me deixava fora de mim.

— Eu só quis esclarecer que se assumi um compromisso com você é porque ainda é menor de idade e tenho respeito e admiração por sua família.

— Ah, tá! Foi por isso que me agarrou aqui na sala? Pois saiba que não preciso desse tipo de “consideração”. Sinta-se livre de qualquer obrigação comigo. Não pedi seu sacrifício e obviamente não estou desesperada para aceitar esmola emocional de ninguém.

— Você tem a língua bem afiada quando quer.

— E você, ao contrário do que eu pensava, é um sem noção. Sou nova e obviamente não tenho sua experiência, mas mesmo sendo mais velho você não está dentro de mim para julgar o que sinto, o que quero e que fique bem claro que tenho o direito de decidir o que eu quero da minha vida, e namorar você para agradá-los não é algo que eu queira fazer. Agora, se me dá licença, tenho mais com o que ocupar meu tempo.

Ela caminhou até a porta, mas fui mais rápido e a segurei pela cintura, puxando seu corpo para mim, ainda de costas.

— Não pode se enfiar na minha cama e depois me dar as costas como se eu fosse um dos seus amiguinhos do colégio.

Ela se virou para mim, o rosto pegando fogo.

— O que mais quer de mim?

Eu a fitei com mágoa e... e aquele algo mais seria raiva ou desejo? Forcei-me a soltá-la e recuei alguns passos.

— Já dei meu recado.

— Grosso! Posso ter errado aquela noite, mas o que você não aceita é que adorei cada minuto que passou comigo.

— Vai sonhando!

— Mentiroso.

Fiquei dividido entre acatar o que ela dizia e atacá-la ainda mais. Então simplesmente falei:

— Eu tenho que ir. Depois a gente termina essa conversa.



Quando ele se foi chorei de frustração. Não posso dizer que me arrependo, mas o Alex está reagindo ao que aconteceu como um babaca. E, pior, ele está me

confundindo.

Essa ideia de namoro falso não vai dar certo. Claro, não quero magoar meus pais e àquela altura contar a verdade vai destruir o respeito que eles têm por mim. Também não posso negar que ainda estou caidinha por ele, o que só me enrola cada vez mais, o que não posso engolir é a forma como ele está me tratando.

Tanta aflição deu um nó na minha cabeça e se refletiu em forma de náusea. Estou enjoada dessa situação. Literalmente!



“Estou bem acordada
E agora está claro para mim
Que tudo que se vê
Nem sempre é o que parece...”
Kate Perry⁵

Dezembro e janeiro passaram velozmente e eu e o Príncipe dos Lençóis nos encontramos poucas vezes nesse período. Recebi alguns SMS's estúpidos que ele teve a coragem de me enviar e que respondi com uma única palavra: “babaca”. Mas, enfim, chegou o dia do baile de formatura do Alex e do Juliano. Contra a vontade, eu teria que acompanhar a família e fazer o papel da namoradinha apaixonada.

Passei o dia no salão com minha mãe e minhas irmãs. Como se não bastasse a manhã constrangedora no sítio, suspeitava de algo que mudaria minha vida para sempre. Algo que até o momento não tive coragem de contar para ninguém e me fez mastigar as pontas de alguns lápis ao longo da semana. Mesmo sob pressão, fiz questão de me arrumar lindamente para o evento, porque aquela era uma noite importante para o meu irmão. E também porque é como se diz por aí, se você vai enfrentar uma batalha, precisa reunir seus aparatos. Mulheres, na hora de enfrentar seus inimigos e os amigos também, estejam lindas!

Escolhi um vestido de seda preto e verde com renda no decote, que exibia minha comissão de frente de forma tentadora e mostrava minhas demais curvas, sem ser vulgar. O caimento perfeito. Calcei delicadas sandálias pretas, e meus acessórios eram joias delicadas de ouro e esmeralda, a pedra do meu coração,

pois dizem que ela é capaz de atrair tudo que precisamos e desejamos.

Os cabelos castanhos ornavam meu rosto caindo em cascata num penteado que levou quase duas horas para adquirir aquele resultado. Os olhos cor de mel foram realçados pela maquiagem do X-Beauty, o mago da beleza da família.

O X-Beauty é conhecido da minha mãe desde os tempos em que dançava balé. Ela abandonou a dança quando se casou com o meu pai. Depois se tornou professora durante uns 15 anos. Hoje não mais. O nome verdadeiro do nosso mago é João Carlos, tem um salão elitizado no Sion, é nosso cabeleireiro e maquiador para todos os eventos e ocasiões.

— Uau! Está linda demais, *Mandinha*. Vai deixar o Alex de quatro — elogiou meu irmão com evidente admiração.

Sorri contente e retribuí o elogio, apesar de saber que o amiguinho dele nunca que ia ficar de quatro por mim:

— Valeu, Ju! Você também está um gato!

Ele ficou emburrado uma semana depois do que aconteceu no sítio, mas depois fizemos as pazes, até porque tem que ser muito mala para ficar de mal comigo. É isso, sou uma pessoa irresistível.

Assim que chegamos à casa de festas, o Alex veio nos receber. Estava muito bonito num terno preto italiano. Ri ao notar a coincidência, pois a gravata dele era verde no tom dos detalhes do meu vestido. Estávamos combinando, pelo menos na roupa. Como sempre, estava de tirar o fôlego, riu para mim, beijou meu rosto me incendiando com aquele perfume gostoso e depois se afastou rapidamente machucando meu coração.

Com certa frieza, ele me levou pelas mãos até a mesa reservada para as nossas famílias e depois se afastou com o Juliano sob o pretexto de tirar fotografias com a turma. Não foi uma nem duas colegas que vi dando selinho nele. Cada vez que uma mulher se pendurava nele eu mordida minha bochecha e tentava demonstrar indiferença.

Pelo resto da noite, euzinha, que era a suposta namorada, fui ignorada. Peguei todo tipo de canapé que passava na minha frente, sentada ao meu lado, a minha “sogra” me encarava como se eu fosse um Tiranossauro Rex faminto, em dado momento chegou a abrir a boca, talvez surpresa por eu molhar a coxinha de frango com catupiry na Coca-Cola e me deliciar ao mastigar.

Cada vez que o Alex apresentava uma das formandas para a mãe, eu sentia meu coração partir. Uma hora e meia de comilança depois, a mistura de coxinha com Coca me enjoou. E lá fui eu para o banheiro, praticamente despejar meu estômago. Fiquei trancada ali um tempão, ouvindo não sei quantas mulheres reclamando da minha demora atrás da porta. Quando melhorei lavei a boca várias vezes, retoquei a maquiagem, tirei um Trident de menta da bolsa para

melhorar o hálito, e finalmente saí, ignorando a cara de quem comeu e não gostou da mulherada na fila. Esbarrei no Yuri justamente quando voltava para o salão.

Ele me convidou para dançar, obviamente não sabia que eu e o Alex estávamos “namorando”.

— Acho que o Juliano não vai se importar.

— Claro que não — respondi.

Afinal, que mal tinha, já que o Alex dançou com todas as colegas? Yuri tinha me ligado algumas vezes para sairmos, mas recusei.

Naquele momento, grata por poder me afastar da atenção das famílias, especialmente da suposta sogra, que me fuzilava com o olhar a cada dois segundos, adorei a ideia de uma companhia, ainda que fosse por alguns instantes. Dançamos algum tempo. Quando a segunda música acabou, o Alex se aproximou e me tirou para dançar. O Yuri me deu um beijo no rosto e se afastou, e o Alex me repreendeu:

— Não quero fazer papel de palhaço. Você devia demonstrar a todos que é uma namorada fiel e está apaixonada por mim e não ficar se esfregando no Yuri.

— Em primeiro lugar, eu não tenho o hábito de me esfregar nas pessoas.

— É verdade, só de entrar na cama delas quando estão bêbadas.

— Você é um babaca mesmo! — Tentei me soltar, mas ele não deixou.

— Nem tenta me deixar falando sozinho.

— Você exige de mim que eu fique sentada, quando nem namorados somos de verdade.

— Para a sua família e a minha somos.

— Então eles devem pensar que tenho um namorado galinha e muito desinteressado — falei baixinho no ouvido dele, o que o provocou ainda mais.

— Não me irrita, linda.

— Não me tira do sério, babaca. Deixou claro que não quer nada comigo. Dançou com quase todas as mulheres deste baile, jogou charme não sei para quantas Barbies, não pode me impedir de me divertir também.

— Não enquanto estiver supostamente comigo.

— Então que tal a gente terminar agora?

— Se quer estragar a festa para a sua família, vai fundo.

Então ele me puxou para ele e falou com a boca quase colada na minha:

— Não acha que já complicou nossa vida suficientemente?

Não me deixei intimidar e respondi:

— Não pense que estou em situação de vantagem. E se quer saber, aquela noite não é nada perto do que tenho pra te contar.

— O que quer dizer com isso, Amanda? — Fiz menção de me afastar, mas

ele me segurou pelos ombros. — Termine o que começou. O que quis dizer?

Ao notar seu semblante aflito, eu me arrependi. Fosse como fosse, aquele era um dia especial para ele e eu não tinha o direito de estragar o baile. Ainda mais porque nem certeza eu tinha.

— Nada, foi mal, desculpa. — Fiz um carinho em seu rosto e pedi: — Escuta, bandeira de paz, tá legal? Será que podemos dançar sem nos atacar?

A expressão do Alex se suavizou e novamente nos juntamos aos outros casais na pista de dança. A canção agora era *Close to you*⁶. Pelo visto era uma trégua. Ao senti-lo tão próximo, aquele perfume cítrico trazendo lembranças da noite que ficamos juntos, estremei. Quando ele se inclinou para mim, apertou minha cintura e recostou a testa na minha, não segurei o impulso de tocar seus cabelos e fiquei surpresa quando os lábios dele finalmente tocaram os meus.

— Yesss!!! — e sem querer recorrer a um clichê, mas já recorrendo, esta foi a palavra que o coro de borboletas gritou no meu estômago quando o beijo aconteceu. Pensa na Cinderela quando a fada madrinha apareceu e a arrumou para a festa. Ou no burrinho do Shrek quando a viagem finalmente acabou e chegaram ao Reino Tão Tão Distante. Neste nível de felicidade saltitavam minhas células agora. Pareceu se passar uma eternidade antes que a música acabasse e ele se afastasse delicadamente, interrompendo nosso beijo. E que beijo!

— Você é uma tentação Amanda.

— Sou?

— Não tente me seduzir novamente, linda. Já fomos longe demais. De repente, não sei mais como agir quando estou perto de você.

— Estou começando a achar que foge do que sente por mim.

— Está achando demais, menina.

Menina? Ah, Alex! Fiz minha expressão mais angelical e envolvi o rosto dele com as mãos, como se tivesse algo muito importante a falar. Quando ele se inclinou, mordi os lábios dele! Pensa num formando nervoso. Só respondi:

— Menina é a mãe.

Alex me olhou como se não pudesse acreditar no que fiz e vi que se segurou para não gritar comigo. Ignorei seu olhar furioso e dei-lhe as costas com ar de triunfo, voltando para a cadeira ao lado dos meus pais. Não se passou muito tempo e decidi acompanhar minhas irmãs quando elas demonstraram intenção de partir. Não me despedi do Alex, ele que curtisse a minha mordida até o fim da noite. Miau!



Uma semana após o baile, ao voltar do cursinho pré-vestibular, encontrei o príncipe que virou sapo almoçando com minha família. Eu o cumprimentei ligeiramente e fui direto para o quarto.

Fazia dias que o coro de borboletas bateu asas e, no lugar, ficou um dragão estacionado no meu estômago, os sintomas frequentes eram náusea e pressão baixa. Refresquei-me um pouco. Assim que voltei para a sala e sentei-me à mesa para almoçar, evitei olhar para ele.

Minha mãe, ex-professora de ballet, hoje dona de casa declarada e assumida, vivia seu glorioso dia de *Masterchef*, que acontecia todas as quartas no almoço, quando ela testava uma receita nova. Era o dia em que mais caprichava na mesa e não deixava mais ninguém cozinhar. Orgulhosa, ela me serviu um lindo prato de espaguete com almôndegas.

Tão logo senti o cheiro do molho, precisei sair da mesa às pressas. Alcancei o banheiro por sorte e abracei o vaso sanitário colocando o dragão e mais um pouco para fora. Foi assim que a Clara me surpreendeu. Ela me ajudou a levantar e a lavar a boca. Depois de molhar meu rosto com uma toalha, eu me senti melhor e voltamos para a mesa. Minha mãe logo perguntou?

— O que foi isso, filha?

— Ela passou mal — respondeu Clara.

— De novo? — Eliane não se segurou.

— Amanda, você pensa que ninguém percebe, mas vive enjoada ultimamente. Quase não segura nada no estômago.

— Deve ser uma virose, mana.

— Virozes não duram tanto tempo — afirmou Clara. E então se voltou para Alex com a expressão séria: — Não sei se vocês dois conversaram sobre isso, mas acho melhor tomarem uma atitude a respeito.

Pronto. Minha mãe quase enfartou. E lógico que o Alex entendeu o que a Clara insinuava e quase engasgou com a comida. Acho mesmo que ele ficou pálido. Já eu certamente estava verde.

— Ah, meu Deus, filha, acha que ela está...? — Dona Arlete encarou Seu Antônio sem conseguir concluir a frase e vi que provavelmente o Alex estava se

lembrando do que eu disse na noite do baile. Talvez tivesse se dado conta de que não usamos proteção quando ficamos juntos.

Eu queria sumir. Estava abatida, com sombras embaixo dos olhos e continuava enjoada.

— Amanda, seja honesta, você está grávida?

— Calma, mãezinha, a Clara está exagerando. Já estou melhor. Foi só uma indisposição, mas podem continuar o almoço sem mim. Vou descansar.

Minha mãe fez menção de me seguir, mas o Alex não deixou:

— Arlete, posso falar com ela a sós? Por favor.

— Tudo bem.

Eu estava entrando no quarto, quando ele me alcançou.

— Precisamos conversar.

— Agora não, Alex. Não estou bem.

— Não vou demorar.

Deixei que ele entrasse e depois fechei a porta. Ele se sentou na poltrona que tinha perto da janela e eu na cama. Um mais estressado do que o outro.

— A Eliane disse que você anda passando mal ultimamente. Isso é verdade?

Desviei o olhar um tanto quanto envergonhada.

— Não sabia que minha irmã tinha percebido.

Estava dividida entre finalmente contar a verdade ou não. Ante o olhar aflito do Alex, eu me decidi.

— Nem sei como dizer isso, pretendia contar na noite do baile, mas não tive coragem de estragar sua festa.

— Pode ser mais clara? — pediu.

— Tudo bem. Acho mesmo que não há uma forma melhor de te dizer isso. Eliane está certa, eu... estou grávida.

Ele levou as mãos ao cabelo num gesto de desespero.

— É sério?

— Muito.

— Não acredito. Isso não pode estar acontecendo. Tem certeza?

— Fiz o teste de farmácia anteontem. Quando deu positivo repeti duas vezes. E existem os sintomas, você sabe. Eu não diria algo assim se não tivesse certeza.

— Cara, não dá pra acreditar!

— Se quer ter certeza de que é seu, sinto muito, mas não tenho dúvidas. Nunca houve outro... De todo jeito, se não aceitar minha palavra, hoje em dia existe exame de DNA. Fique à vontade.

— Nossa, Amanda, como assim? Não tenho dúvidas da paternidade, eu te

conheço. É que... puxa, foi só uma vez. Não imaginei que algo assim pudesse acontecer comigo, quer dizer, com a gente.

— Foi só uma noite e não apenas uma vez. — Alex notou que eu fiquei vermelha ao responder. Simplesmente detesto me sentir vulnerável e ele faz isso comigo o tempo todo. — Coincidiu que a cegonha estava anotando os pedidos naquela noite — tentei brincar, mas ele não curtiu.

— Não consigo rir, tem noção do que isso significa?

— Não pense que estou tranquila, faz noites que estou sem dormir.

De repente, embarquei na montanha-russa dos meus hormônios e não deu para segurar o choro. Ter um bebê pode ser lindo e romântico na teoria, mas quando acontece fora de hora não é nada lindo, é um sufoco. E dá muito medo do futuro. Para piorar, dependendo da situação financeira dos pais se torna um caos, e a verdade é que não era o meu momento de ser mãe. Nem financeiramente e nem psicologicamente.

— Escuta só. Você me acha muito nova, até infantil, mas sei muito bem avaliar a consequência de meus atos. Sei que na minha idade é loucura ter um bebê. Eu dependo dos meus pais e ainda nem entrei na faculdade. Juro, hoje não seria tão imprudente, nas últimas semanas, desde que descobri, eu me arrependi “ene” vezes. Fiquei louca quando os testes deram positivo, sei que minha vida nunca mais vai ser a mesma, tenho um medo enorme do que está por vir, mas é um fato consumado e, apesar de tudo e de todas as razões, não posso tirar este bebê.

— Desculpa, Amanda. Não foi minha intenção te ofender, eu nunca te pediria para tirar o bebê, o aborto é um crime. O fato é que agora estamos realmente amarrados. A ideia de namoro simulado já era.

— Ainda podemos contar a verdade.

— Faz mesmo diferença? Depois, imagina a decepção dos seus pais? A pergunta é: o que vamos fazer? Estou de viagem marcada, você está fazendo pré-vestibular. Não quero jogar essa carga nos seus pais ou na minha mãe.

Carga? Eu o interrompi, porque não gostei da forma como ele se referiu ao bebê:

— Não pretendo jogar nada em ninguém, também não vou fazer exigências. Já disse que não quero que mude a sua vida por mim.

— Tarde demais, porque falar isso não altera o fato de que está grávida do meu filho.

— Eu sei. Droga.

— Acho que precisamos nos casar. Sua família não vai aceitar se for diferente.

— Como assim?

— Assim.

Alex saiu do quarto antes que eu pudesse demovê-lo daquela ideia maluca. Fiquei ali de queixo caído processando a informação. Casar?!

Mas ele não estava brincando. E em poucos dias vi minha vida virar de pernas para o ar. Meu coro de borboletas já não se manifestava e um dragão continuava estacionado no meu estômago. Ninguém pedia opinião para tomar decisões sobre o meu futuro. O casamento no civil foi agendado e meu pai insistiu com o Alex para que ficássemos lá em casa até a viagem. Para piorar, o mal-estar que eu sentia não era pouco. Não sabia se pulava de alegria por laçar o príncipe encantado ou se gritava um chegaaaa! Dizem que quem cala consente, eu estava sem reação.

Acho que porque lá no fundinho (não tão fundo), eu ainda alimentava uma esperança de que o Alex estivesse apaixonado por mim, porque atraído eu sei que ele se sentia.



Quando minha mãe me chamou para uma conversa séria e me disse que meu irmão caçula estava noivo, não pude acreditar.

“Putaquepariu”! Ele tinha 22 anos, tinha acabado de se formar. Tudo bem que eu me enforquei aos 20, mas me arrependi amargamente. O resultado foi uma mulher manipuladora, que me traiu e me levou uma fortuna no acordo do divórcio.

Olhei para o relógio que estava acima da lareira mais uma vez. Eu já tinha cortado o tapete persa da sala de estar indo e voltando umas tantas vezes. Minha mãe já tinha se recolhido e eu esperava o Alex chegar para ter uma conversa séria.

Quando ouvi o motor do carro respirei aliviado e coloquei meu copo de uísque no centro da mesa. Ele entrou assoviando, aparentemente feliz, mas parou de assoviar assim que me viu na sala.

— O que faz aqui uma hora dessas, mano? Algum problema na empresa?

— O que eu faço aqui?! Meu irmão caçula decidiu acabar com a própria vida e sequer me consultou. Como assim vai se casar com a irmã do Juliano? Que eu saiba, a Amanda mal saiu das fraldas.

O Alex passou a mão no cabelo, nitidamente nervoso, e me olhou constrangido:

— Ela está grávida, Matteo.

— Grávida?

Sentei na poltrona arrasado. Era ainda pior do que eu pensava.

— Por acaso, não conhece camisinha? Como, diabos, engravidou uma menina de 17 anos e ainda por cima filha de um juiz?

— Eu estava bêbado.

— Ótimo. Sua explicação só melhora as coisas.

— Não é só isso, claro, eu... gosto dela.

— Gosta? Pra aceitar se casar na melhor fase da sua vida é porque está completamente de quatro, não tente me enganar. Nunca nem namorou sério. Sempre fugiu de compromissos. Sabe que está dando um salto no escuro? Pelo visto, meu exemplo não valeu de nada. Vai se tornar um capacho, amargurar noites insones e depois gastar até o último centavo para reparar seu erro.

— Claro que não.

— Ela, obviamente, engravidou de caso pensado e você, trouxa, se deixou levar, ainda por cima bêbado.

— Acha mesmo que ela fez isso de caso pensado?

— Não foi pelos seus belos olhos e posso apostar minha fortuna nisso.



Matteo se decepcionou com a ex-mulher, sofreu muito por causa da Tabita, pois a flagrou com um dos executivos da empresa na cama, quando voltou um dia antes de uma viagem de trabalho, para fazer uma surpresa.

Não conseguia esquecer o que ele me falou. Tudo bem que meu irmão tinha uma visão cínica das mulheres, mas fazia sentido. Revirei na cama até amanhecer, pensando no quanto fui estúpido.

Na manhã seguinte cheguei ao cursinho da Amanda faltando meia hora para acabar o último horário. Ela saiu dez minutos antes e se surpreendeu ao me ver parado ali. Abriu um sorriso lindo e se despediu de duas colegas. Assim que entrou no meu carro senti aquele cheirinho de baunilha que costumava afugentar meu juízo e acordar partes de mim, que ultimamente eu queria amordaçar. A

verdade é que pouco dormi e estava furioso com ela.

Ela me beijou animada, falante, depois da terceira ou quarta frase sem resposta notou que eu não estava ali de brincadeira.

— O que foi?

— Vamos sair daqui e depois te falo. A gente precisa conversar.

— Ok.



Quando vi a BMW na saída do cursinho quase pulei de alegria. Lembrei as vezes em que o Alex me deu carona no colégio. No último ano, ele me buscou no lugar do Ju algumas vezes. Eu amava fingir que ele era meu namorado. Eu sabia que não era, mas meu coro de borboletas curte muito um faz de conta. Quem não curte?

Entrei no carro cheia de expectativa, senti o perfume cítrico e meus hormônios se agitaram. Não resisti e beijei o cantinho da boca dele. Lógico que eu queira mais que o cantinho, mas ele virou o rosto.

Depois peguei um Trident de menta na minha mochila e ofereci para ele. Quando ele recusou, coloquei o meu na boca, respirei fundo porque vi que teríamos uma DR. Socorro!

Ele parou o carro no estacionamento de um supermercado ali perto e então me perguntou na cara dura:

— Você fez de propósito, não fez?

— Fiz o quê?

— Não brinca comigo. Até quando vai se fazer de vítima? E pensar que ainda veio com aquele papinho de que não queria casar!

— Ei, posso saber o que está insinuando?

— Não estou insinuando. Estou dizendo que você se enfiou na minha cama com a intenção de engravidar e me amarrar. Eu, idiota, é que não me dei conta.

— Está me dizendo que eu planejei este bebê?

— Tenho certeza.

Eu olhei para ele de boca aberta. Foi a primeira vez que o coro de borboletas vaiou o Alex. Foi então que meu olhar sobre o príncipe se desencantou. E o vi como ele verdadeiramente era: lindo por fora, mas por

dentro era um cara imaturo, inseguro e com horror a compromisso.

Como ele tinha coragem de dizer algo tão estúpido? 🤔

Minha temperatura subiu. Ri de forma bem cínica e respondi olhando bem nos olhos dele:

— Você tem razão! — E ele arqueou as sobrancelhas indignado. Por Deus, juro que me segurei para não dar um soco na cara dele. Apenas complementei: — É mesmo um IDIOTA. Em caixa alta e com “i” maiúsculo.

— Pois seu plano não deu certo, porque não vou mais me casar com você!

Eu quase gritei “ótimo” e o mandei pastar, mas então pensei melhor e por picardia fiz o reverso:

— Ah, mas você vai! E sabe por quê? Porque sou menor de idade e se comprometeu com meu pai.

— Isso, Amanda, parabéns, agora está colocando as garrinhas.

— Tem sorte de eu não mostrar meus dentes.

— Pensei que gostasse de mim, mas tudo foi só por interesse.

— Lógico que foi. O que eu mais poderia gostar em você que não fosse o seu dinheiro? Não é todo dia que um cara rico cai na minha rede. Pois agora estou sendo eu de verdade. Babaca pretensioso. A gente se vê no cartório.

Abri a porta do carro e ainda ironizei antes de sair:

— Ah, e quer saber? Não gosto da cor deste carro. Vai pensando num modelo mais claro e mais caro. E também nas joias que vai comprar pra mim depois do casamento.

Saltei ali no estacionamento do supermercado mesmo e bati a porta na cara dele. Que ódio.

Corri para longe, meus olhos transbordando e o peito apertado. Ele quebrou meu coração e arrancou as asas de todas as minhas borboletas, que mal tinham espantado o dragão e voltado a se manifestar.



“When she was just a girl
She expected the world
But it flew away from her reach
So she ran away in her sleep”
Coldplay²

Eu nunca fui santa, mas também nunca fui tão malévola. Forçar a barra para aquele casamento se tornou minha missão desde que o Alex insinuou que engravidei de caso pensado e que supostamente fiz isso atrás da grana dele. Tapado! Mas como minha vó costuma dizer: “quem tem fama deita na cama”. Foi o que eu fiz.

Mas se ele esperava que eu ia gritar em alto e bom tom que o amava, e que ele era tudo para mim, estava muito enganado. Se ele não tinha espelho e autoconfiança, o problema era dele.

Mesmo arrasada, não me permiti chorar e me encolher numa concha feito uma coitadinha. Mostrei para ele que não se brinca com Pimenta Jalapeño!

Pois acreditam que se não bastasse o que ele falou comigo, o irmão dele veio me oferecer dinheiro para que eu desistisse do casório? Ri na cara daquele arrogante com muita vontade.

O Matteo colocou na cabeça que toda mulher é uma interesseira dissimulada. Na certa foi ele que jogou o Alex contra mim. Só digo uma coisa: esse tipo de homem que espera o pior das mulheres merece mesmo ser passado para trás.

Ele só reafirmou minha decisão de ser Cruela e bati que bati o pé para casar.

Pode me chamar de Malévola, mas o príncipe que virou sapo pisou no meu coração e ainda limpou a sola do sapato no capacho da minha porta. Que raiva!

E foi por isso que na manhã do primeiro dia do mês de março, num dia cinzento e nada promissor, nós nos casamos diante do juiz de paz. Oficializar a união não durou mais do que alguns minutos e o beijo que eu recebi dele não passou de um selinho frio, tão indiferente quanto o olhar do meu noivo.

Se a sogrinha e o temido cunhado deixaram nítida sua reprovação, meus pais ficaram felizes e meus irmãos emocionados. Maristela e Matteo não disfarçavam o bico, nitidamente contrariados ao ver o Alex arrebatado num casamento que fez questão de declarar como precipitado e inconsequente. É certo que ninguém conseguiu contestá-los. Muito menos eu, toma essa, dupla do mal!

Apesar de tudo, meus pais fizeram questão de dar uma recepção calorosa para os parentes. Meus avós, tios e padrinhos compareceram. Eu não fazia questão de nada e, para ser sincera, agora já me sentia vingada do príncipe. Eu sei que soa infantil, mas nunca me senti tão vulnerável como naquela manhã em que ele me acusou de ser uma falsa dissimulada. Motivos da minha indignação:

- Primeiro: confesso que assumi riscos ao agir de forma imprudente, mas em nenhum momento entrei na cama do Alex pensando engravidar, poxa, eu tenho 17 anos!;
- Segundo: nunca cobicei o dinheiro dele, nunca mesmo;
- Terceiro: não tenho vocação para ser falsa e dissimulada. 😞

E foi por esses motivos que eu quis me vingar.

Se eu me arrependi?

Óbvio!

Confesso que fui impulsiva, imatura e estouradinha e só depois de assinar a certidão é que caiu a ficha e quis correr do cartório. Segurando aquele documento e olhando a cara de passarinho engaiolado do Alex é que entendi o tamanho da besteira que eu fiz. Mas o tempo não dá ré, a gente sabe.

Só consegui relaxar ao anoitecer, quando a festa acabou e os convidados se despediram.

Exausta, entrei no meu quarto e me sentei na cama de casal fixando minha imagem no espelho. Faltava o brilho no olhar. Faltava o amor do meu noivo. 🙄

Passei as mãos pelo lençol branco de algodão egípcio. A cama de casal foi

um presente dos meus pais, assim como grande parte do enxoval que ganhei. Morávamos num casarão, meus pais não eram tão ricos como a família de Alex, mas tinham boa condição. Quando Alex pediu que eu fosse morar na casa dele recusei na hora, imagina conviver com a sogra? Nem pensar. Ele ia viajar em breve e ali eu tinha toda minha família para me ajudar com o bebê.

Eu só podia agradecer aos meus pais por nos hospedar. Eles foram muito generosos, apesar da decepção de me ver engravidar fora do casamento e tão cedo.

Não pude evitar algumas lágrimas furtivas. Então, ouvi que batiam na porta.

— Pode entrar.

Eliane checou se eu estava sozinha antes de se aproximar.

— Vim trazer meu presente. — Ela depositou o embrulho nas minhas mãos e manteve-se em expectativa. Abri e dentro havia uma linda camisola.

— Escolhi a branca para dar sorte. Uma noiva tem que usar algo especial na noite de núpcias.

— É muito sensual, mas não creio que o noivo esteja interessado... estou enorme.

— Deixa disso. Você está ainda mais linda.

Eliane ergueu meu rosto delicadamente, vendo que eu estava realmente sentida, acrescentou:

— Pois se não estiver interessado é um tolo.

— Não mais do que eu.

— Corta essa, Amanda. Eu sempre soube que você era louca por ele. Se apaixonou ainda menina e não é todo dia que conseguimos nos casar com nosso primeiro amor, não é verdade?

Retribuí o sorriso. De certa forma era verdade e o único motivo pelo qual me casei com ele.

— Você sabia?

— Claro. Sempre prestei atenção em você.

— Não queria que fosse assim.

— Nem tudo é como a gente quer, flor. Precisamos dar um passo de cada vez, mas não se culpe tanto, o Alex também se descuidou.

— Estou grávida, vamos iniciar a vida de casados vivendo com meus pais e, daqui a alguns meses, ele vai para a Itália. Poderia ser pior?

— Preferia que ele partisse e não mais se encontrassem?

Ponderei antes de responder:

— Não, isso não. Se eu dissesse que sim estaria mentindo.

— Bom, então faça valer a pena apesar das dificuldades. Independentemente das circunstâncias está casada com ele e esperando um bebê.

Pode ter vínculo maior e mais lindo entre um homem e uma mulher? E se acaso precisar de um chá de fraldas pode me chamar que eu organizo. Promessa de futura madrinha.

Eliane piscou e eu sorri.

— Ah, e hoje a Floquinho vai dormir comigo.

— Hum, por isso eu não encontrei a danadinha aqui.

— Eu contei pra ela que este quarto estaria tumultuado e ela entendeu.

— Tá bom, mas não abusa da minha gatinha!

— Qual o quê! Ela me ama.

Mais animada, observei minha irmã se afastar. Troquei meu vestido pela fina camisola (e nada mais) e resolvi dar um passo cada vez.



Tentei adiar ao máximo o momento de ficar a sós com a minha esposa. Eu estava dividido entre meu orgulho ferido e o desejo que sentia por ela. Acho que afrouxei o nó da gravata umas cem vezes. Já tinha virado um tique nervoso e eu continuava sentindo a danada me apertar, mas eu sabia que o que me apertava mesmo era meu novo estado civil e o fato de que eu ia ser pai em breve.

Eu tenho 22 anos e é muita responsabilidade para um cara que acabou de se formar. Eu pretendia ganhar o mundo antes de me amarrar a alguém e ter um filho, porque vamos combinar, ser humano não é fácil, imagina quão difícil deve ser criar um de nós e prepará-lo para enfrentar este mundo bagunçado?

Pior é saber que tudo não passou de um joguinho. Como uma adolescente conseguiu me passar a perna? Relacionei-me com mulheres bem mais experientes e nunca deixei de usar camisinha.

Depois que os convidados se foram, ainda conversei com o Juliano um bom tempo, mas quando meu amigo foi dormir, não tive opção senão ir para o quarto.

Abri a porta e senti o perfume de baunilha. Eu amava aquele cheiro. Amava tanto que ele me levou ao cartório. É isso aí: fui seduzido por uma garota de 17 anos, a irmã caçula do meu melhor amigo. Não sei se sentia mais raiva de mim ou dela.

Assim que entrei, a vi sentada na cama, recostada à cabeceira com um livro nas mãos. Vestia uma linda e sensual camisola branca de renda. Mesmo com a

barriguinha de grávida, ela continuava atraente. Abandonou a leitura assim que eu entrei.

— Com licença, sabe dizer onde estão minhas coisas? — quis saber.

— Nas duas portas do armário próximas à janela. Mas se me disser o que procura, eu mesma posso pegar, já que fui eu quem organizou as gavetas.

A Amanda se levantou e se aproximou de mim antes que eu pudesse responder:

— Quero meu pijama azul. É só me dizer onde está.

Notando meu desconforto, ela indicou a gaveta e voltou a se deitar na cama.

— Onde posso tomar um banho?

— O armário tem cinco portas. A do meio leva ao banheiro.

Agradei a informação e abri a porta, a casa dela era bem mais simples que a minha e Dona Maristela quase teve uma síncope quando eu disse que Amanda não pretendia viver na mansão.

Maristela era dura, não exatamente uma mãe carinhosa, perdi meu pai aos 7 anos, ele morreu num acidente de carro ao lado da amante. Além de ficar viúva e ver a traição ir a público, ela precisou se virar sozinha para cuidar de mim e do meu irmão sozinha e, lógico, do nosso patrimônio. Foi assim até o Matteo, oito anos mais velho, atingir a maioridade e cuidar dos negócios. Matteo cursou administração e tinha talento para empreender, só fez aumentar o nosso patrimônio.

Ele que me abriu os olhos sobre Amanda.

Para ser sincero, a verdade é que ninguém estava feliz com aquele casamento, mas Antônio e Arlete me receberam como se eu fosse um filho. Conheci o Juliano no jardim de infância, nossos pais eram amigos e Antônio foi uma figura masculina muito importante para mim.

Um juiz admirado e muito íntegro, sempre foi paternal comigo. Antônio me abriu todos os caminhos na faculdade. Tinha ótimos estágios no currículo graças a ele. O que podia fazer agora era me tornar digno de ser seu genro.

Tomei um longo banho e voltei para perto de Amanda meia hora depois. Mal conseguia olhar na cara dela, porque ainda estava muito magoado. Eu hesitei em me aproximar da cama e ela novamente se levantou.

— Não precisa ficar tão sem jeito perto de mim. Antes nos dávamos bem. Agora que estamos casados e precisamos conviver, não podemos ficar evitando olhar um para a cara do outro.

O que foi mesmo que eu bebi? Não sei, mas olhei para ela e toda minha raiva tinha ido embora. Tentei apelar para a razão.

— Depois de tudo que fez? Fala sério. As coisas entre nós mudaram e eu estou péssimo com nosso novo estado civil, não posso evitar.

— Ok, você pensa o pior de mim. Meus pais estão decepcionados comigo, você se complicou por minha causa, estou grávida e sem saber o que me espera, mesmo assim, tudo isso não nega o que eu sinto e a verdade é que continuo apaixonada.

— Não posso acreditar depois do que falou para mim outro dia.

— Olha pra mim. Acha mesmo que dei um golpe atrás do seu dinheiro?

Olhei. E ali estava uma expressão que não parecia em nada insincera. Para dizer a verdade, a Amanda nunca foi o tipo de garota ligada em dinheiro. Fosse o que fosse que buscou na minha cama não foi dinheiro.

Eu ia responder, mas ela tirou a camisola e aniquilou minhas palavras. E me vi com os quatro pneus arriados. Completamente nua, caminhou até mim, colando a boca na minha. Juro que queria ter forças para me afastar, mas não tive. Não sou de ferro. Mesmo p. da vida com aquela garota, isso não freava a vontade que eu tinha de provar aquela boca, de entrar naquele corpo. Segurei uma mecha de seu cabelo macio, me perguntando como alguém com um olhar tão inocente podia ser falsa, ela ia dizer alguma coisa e aproveitei para beijá-la.

Explorei sua boca, e ouvi que um gemido de satisfação escapou da sua garganta quando a levantei do chão e a levei nos braços até a cama. Ao olhar em seus olhos, quase me queimei, porque todo aquele sentimento me assustava, me colocava contra a parede, e ainda assim eu não podia negar o quanto ela mexia comigo. A Amanda não era mais uma das mulheres que eu levava para a cama e depois esquecia. E mesmo sabendo que me enganou, continuava desejando seu corpo. Ela continuava em mim, correndo nas minhas veias e eu não gostava nem um pouco de me sentir tão vulnerável. Pois bem, se era isso que ela queria, ficaríamos juntos aquela noite, mas só aquela, e essa seria minha vingança.



Nada do que eu vivi até ali foi tão intenso e já se passava das quatro da manhã quando finalmente adormecemos.

Acordei com o rosto mergulhado nos cabelos dela. Eram macios e cheirosos. Aquele cheiro de baunilha que me fazia perder o juízo.

Vi seu ombro desnudo sob o lençol. Recordei os momentos da noite que tivemos e fiquei excitado novamente. Impressionante, mas eu não me cansava

dela. Parecia um vício. Ela então se virou para mim. Os seios redondos e agora mais cheios com a gravidez embalavam-se no ressonar de seu corpo. Amanda era linda.

Feiticeira, pensei. Parecia tão ingênua e era na verdade uma manipuladora. Uma hora, eu a desejava com todas as forças; outra, eu me recriminava por isso. Sempre a admirei, reconheço. Mas além de bonita, ela era amorosa, alegre, cheia de vida, fácil de gostar. Desenvolvi o sentimento como algo natural na convivência com a família, atribuindo-lhe a condição de uma irmã mais nova. Até que um dia entendi que não a queria como um irmão.

Mas mesmo me sentindo atraído por ela, continha meus impulsos e nunca imaginei que um dia estaríamos juntos como um casal.

Desde a noite no sítio, não sabia como me comportar, o que esperar e as reações de meu corpo à sua presença deixavam-me em conflito. Quanto mais a queria, mais me afastava com medo de me complicar.

Ainda agora, não parecia correto e nem queria pensar nas consequências daquele casamento. Não queria me apaixonar, não queria mudar meus planos e ficar com Amanda me tirava o foco. Tentei afastá-la delicadamente e, após me vestir, saí do quarto apressado.



Abri os olhos e demorei algum tempo para me ambientar. Ao ver que estava sozinha fiquei muito decepcionada. Embora a noite tivesse sido quente, e podia jurar que foi tão inesquecível para ele quanto foi para mim, o danado continuava fugindo de mim, de nós.

Rolei nos lençóis algum tempo fantasiando como seria acordar ao lado dele, me querendo, me aceitando. Infelizmente, nem sempre o que a gente quer é o que a gente tem.

O Alex só voltou para a casa ao entardecer, justificando que o Matteo precisou dele com urgência, o que amenizou os ânimos da minha família.

Somente quando ficamos sozinhos, ele se abriu:

— A noite passada foi um erro. Você se ofereceu e eu aceitei, mas não quero que alimente esperanças de viver um casamento de contos de fadas e depois se decepcione. Estou magoado com o que fez e não é só isso. Tenho

planos, quero seguir meus estudos, morar fora, e não pretendo adiar meus sonhos para afundar na rotina de uma vida a dois.

— Tivemos uma noite tão especial... Por que está me rejeitando assim?

— Primeiro, porque não confio em você. Depois, porque embora eu sinta desejo por você, não te amo. Nosso casamento é só uma formalidade. Fora isso, não vamos confundir as coisas.

— É assim que você pensa?

— É.

Ouvir aquilo era como engolir uma faca de duas pontas. Fiquei muito magoada, mas fiz de tudo para não me desmanchar em lágrimas na frente dele.

— Se é o que você sente, eu preciso respeitar.

Não disse mais nada e saí do quarto. *“Para o mundo que eu quero descer! Tá tudo errado, tá tudo errado!”*⁸ Meu coração estava partido, porque, por mais que eu me desse por inteira, o Alex acreditava que engravidei por interesse, resumindo, para ele eu não passava de uma periguetice ambiciosa. Meu coro de borboletas estava de luto e entoava *My immortal* repetidas vezes.

*“I'm so tired of being here
Suppressed by all my childish fears
And if you have to leave
I wish that you would just leave
'Cause your presence still lingers here
And it won't leave me alone...”*⁹



Nos dias que se seguiram, numa espécie de cumplicidade silenciosa, eu e o Alex procuramos manter as aparências. Valeu o esforço porque minha família não notou o que realmente estava acontecendo entre nós; por outro lado, nos distanciávamos cada vez mais.

O Alex parecia contar os minutos para se livrar daquela situação. Nem sei quantas vezes o vi mexer no passaporte e nos documentos.

Ele trabalhava o dia todo com o irmão e quando terminava o expediente ia para a academia. Quando chegava já era hora do jantar, então não tive muitas

oportunidades de me aproximar e fazer com que ele enxergasse a verdade.

Acabei desenhando um sapo de terno, com a mala na mão e o passaporte com o carimbo da Itália, era bem como eu o via ultimamente. Se ele levou a sério ou na brincadeira não sei, ele dobrou o desenho e guardou na bolsa dele.

Noite após noite, eu ficava ali do lado dele sofrendo uma espécie de tortura, porque a verdade é que meus hormônios estavam uma bagunça e mesmo sabendo que o Alex não me merecia eu queria muito ficar com ele.

Estava subindo pelas paredes e acabei pedindo um Viagra natural para a Eli. Claro que não dei detalhes, ela achou garça, mas foi discreta e entendeu que eu estava sugando as energias do Alex. Infelizmente, meu pai pediu um laxante no mesmo dia e troquei os frascos sem querer quando entrei no quarto dela; como a faxineira estava com o aspirador ligado minha irmã gritou que o frasco era azul. Enfim, o azul era o do papai.

E o Alex tomou um suco de laranja batizado que lhe custou 12 horas de idas ao trono. Ficou pálido, fraco, e eu prometi que nunca mais ia adulterar o suco de ninguém. Resiliência era o nome para o que vivi nas semanas que se seguiram.

A data da viagem, no final de maio, se aproximava. Minha família ficou um pouco decepcionada quando se deu conta de que ele não desistiria da viagem. Quando notei a pressão, justifiquei que seria importante para a carreira dele.



But if I let you go I will never know
What my life would be holding you close to me
Will I ever see you smiling back at me?
How will I know
If I let you go?
Westlife¹⁰

Acordei assustada no meio da noite. Ao sair da cama, quase tropecei no Alex. Ele insistia em dormir no chão, sobre o tapete felpudo, exibindo aquele tanquinho indecente todas as manhãs e se recusando para mim. Lógico que olhar para ele e pensar no que eu não podia tocar me fez sentir falta de ar. Uma vez, duas, nem sei quantas... Se antes de engravidar, eu já vivia com vontade de grudar nele; grávida, a vontade triplicou. Se não fosse o elixir do mal que deixou meu pai em ponto de bala e o Alex acabado, eu teria encomendado alguma pilulazinha mágica para me tirar da seca, ah, eu tinha mesmo. Abri a janela e pedi à senhora brisa que acalmasse meu fogo, então me sentei na poltrona perto dela e fiquei ali até o sol dar as caras.

É que o nosso jogo de cão e gato ia acabar, sem mais esbarrões acidentais ou a troca de olhares que quase me fazia derreter quando acontecia, porque o Alex ia viajar em poucas horas e aí caiu a ficha de que eu ia ter que me virar sozinha com o nosso bebê. Deu medo, não vou negar.

E ele dormindo ali tão sereno, na certa aliviado por se livrar do “combo” indesejado que eu e minha gravidez representávamos. *Ok, bebê, foi mal. Dá um desconto pra tua mãe maluquinha. Sou adolescente, estou cheia de minhocas na*

cabeça, mas eu gosto de você. E quando chegar neste mundo, prometo que vou tentar agir de maneira responsável.

No meio daquela conversa silenciosa com o baby, acabei pegando no sono. Quando dei por mim, o Alex estava na cama me encarando. Com uma camisa jeans de manga comprida, calça cáqui e um sapatênis camurça. O rolex que ele adorava no pulso e os cabelos escovados para o lado. Que visão era aquela, meu Deus?

— Que bom que acordou, preciso ir. Meu irmão vai me levar até o aeroporto.

Passei as mãos no rosto, procurando me recompor. Minha camisola preta de renda não estava tão mal, mas eu estava completamente amassada, é claro. E minha boca tinha um gosto parecido com o cheiro de sapato velho.

— Me dá um minuto?

— Claro.

Corri para o banheiro e aliviei a vontade de fazer xixi. Depois escovei os dentes e lavei o rosto. Passei meu cheirinho de baunilha e, pronto, eu já me sentia gente outra vez.

Quando voltei, fiquei com medo de que ele ouvisse o tum-tum-tum acelerado do meu coração, que já sofria com a despedida. Eu me sentei na poltrona de novo.

— Eu não quero chorar, então vamos acabar com essa despedida depressa. Desejo que você tenha muito sucesso, muito mesmo.

Ele sorriu e levou as mãos aos cabelos. Embora procurasse disfarçar, notei que também estava nervoso.

— Desculpa te deixar sozinha nesse momento, tá?

— Olha — “não é o que eu queria”, quase gritei, mas disse apenas: —, vou ficar bem, quer dizer, vamos. — Fiz um carinho na barriga e incluí o pequeno ser. — De todo jeito, não dava pra gente continuar vivendo assim. Eu na cama, você no chão e no intervalo todo esse climão.

— Eu sei, bateu uma insegurança por causa do bebê.

— Ei, não se preocupe. Pensa no lado bom, pelo menos, não vai precisar continuar fingindo que tá tudo bem, quando a gente sabe que não está.

Levantamo-nos ao mesmo tempo, eu o abracei e, quando virei o rosto, nossas bocas se encontraram. Achei que ele ia recuar, mas me beijou para valer. Quando nos separamos, ele falou já da porta:

— Me desculpa por tudo, por não ser quem você esperava e... se cuida.

— Foi mal por ter insistido no casamento. Sei que guarda mágoa de mim e está com uma ideia errada ao meu respeito. Fiz por orgulho ferido, picuinha mesmo, mas nem saí do cartório e já tinha me arrependido.

— Tá certo. Acho que nós dois erramos muitas vezes e desde o começo.

— Verdade.

Ele assentiu e foi isso. Meu curto casamento durou poucos meses e depois se tornou uma porção de reticências.



Nos dias que se seguiram à partida do Alex, tentei controlar a deprê que insistia em tomar espaço em minha vida.

Eu não tinha escolha, porque não respondia só por mim e meu estado exigia que eu reagisse.

Vontade de ir atrás do Alex, falar a verdade que não falei e gritar um monte de desaforos? Ah, eu tive muita.

Estava claro que meus pais e irmãos não aprovavam a viagem. Porém, sempre que alguém fazia um comentário ríspido, eu cortava e justificava que o meu marido gato (e indiferente, o que ninguém precisava saber) só buscou fazer o melhor por mim e pelo bebê (mentira, ele foi covarde e egoísta, imaturo como muitos homens são e incapaz de se comprometer de verdade, tudo bem que eu forcei a barra, e só por isso ele tem suas atenuantes).

Após algumas semanas de calundu, como diria a Neide, começaram a chegar mensagens do Alex. Dizia que estava com saudade, perguntava do bebê e prometia que estaria comigo assim que ele nascesse. Deu uma esperança de que mais para a frente as coisas se ajeitassem entre nós e minha energia subiu de 1 para 10. Voltei para o cursinho pré-vestibular e, no final do semestre, passei no vestibular para o curso de História, que foi o que eu escolhi. O Alex passou a me ligar no Skype todas as noites. Quando dei por mim, percebi que estávamos namorando a distância. Nas horas vagas, eu lia, pintava aquarelas e fazia o enxoval do bebê.

Além das chamadas por vídeo, todas as manhãs o Alex deixava uma flor no Facebook e enviava um SMS de uma linha ou pouco menos, para saber como eu estava. Seu primeiro cartão postal chegou em meados de junho e de quinze em quinze dias ele enviava uma carta para mim e algum mimo para o bebê.

Mas a distância persistia e de vez em quando até a Floquinho ficava frustrada com ele, então, quando chegou um Topolino de pelúcia para ela, juro

que fez pouco caso.

Eu respondia suas mensagens com fartura de palavras e todo mês perdia alguns minutos escrevendo cartas perfumadas para ele, com fotos da minha barriga. Algumas bem-humoradas e outras não, dependia do meu estado de ânimo, no final da gestação eu só queria mesmo dizer (e tampem os ouvidos agora, mas volta aqui seu FILHO DA PUTA!



Foi cheia de expectativas que encarei meu primeiro dia de aula na universidade. Mas a gestação avançou e após algumas semanas precisei entrar em tratamento especial. O médico marcou minha cesariana para a primeira semana de setembro, mas o bebê se adiantou e no último domingo de agosto dei à luz a uma menina, uma gatinha rosadinha, que conquistou meu coração de cara.



Aceitar que meu melhor amigo se apaixonou pela minha irmã caçula não foi fácil. No começo, eu tinha vontade de socar a cara dele o tempo todo. Pegar a Amanda era traição.

Então ele se explicou e ao ver que minha irmã era louca por ele precisei aceitar. Resolvi encarar como destino, ele sempre foi o irmão que eu não tive.

Achei que depois do casamento ele ia desistir da viagem, mas não desistiu. Tive a oportunidade de acompanhá-lo, mas preferi estudar por aqui mesmo. Eu queria seguir a carreira do meu pai e já tinha meus objetivos muito definidos. Depois, em outra oportunidade, eu conheceria o mundo ou um pouco dele.

O tempo passou e minha irmã entrou em trabalho de parto. Assim que o médico confirmou o nascimento da minha sobrinha e me assegurou de que mãe e filha passavam bem, avisei o Matteo e a Maristela e passei um telegrama para

Alex.

Meu amigo, e agora cunhado, estava trabalhando com o tio em Roma e fazendo a pós-graduação com sucesso. Ele não tinha planos de voltar ao Brasil antes de terminar o curso, mas pediu que lhe desse notícias antes e depois do parto.

Ele nos surpreendeu quando apareceu para ver a filha por alguns dias, trazendo flores para Amanda e um anjo da guarda de ouro para o bebê. Minha irmã disfarça bem, mas sei que o que ela queria é que estivessem juntos como uma família de verdade e não separados por um oceano. Ele ficou conosco dez dias e depois voltou para a Itália.

Com o passar dos dias, a pequena Mel mudou a rotina da família inteira. Quase todas as noites, Mel reclamava atenção e Amanda já não sabia o que era dormir, mas durante o dia, todos disputavam a vez de bajular a criança e a Neide, que estava com a gente há anos, dava a maior força.

Quando a Amanda contou para o Alex que dormia pouco, ele pediu à mãe que contratasse uma enfermeira para ajudar com o bebê durante a noite e, em pouco mais de dois meses, com a ajuda de uma babá, e também da minha mãe e das nossas irmãs, minha irmã pôde voltar para a universidade.



A Mel estava com três meses quando passei quinze dias no Brasil. Me afastar da Amanda quando viajei a primeira vez foi a coisa mais difícil que já fiz na vida. Está certo que eu estava magoado e a forma imatura que encontrei de me vingar do suposto golpe da barriga foi dormir no chão.

Cada noite naquele quarto eu sofri. Cada vez que sentia o cheiro dela ou ouvia ela se mexer na cama, eu precisava de um banho frio.

Quando a Mel nasceu, eu não resisti e vim conhecer meu bebê. Mas a Amanda estava cheia de dores, se adaptando à vida de mãe e não conversamos.

Da segunda vez, eu não consegui me segurar, na realidade eu só estava ali porque não suportava mais a saudade e quando vi estávamos rolando na cama.

Pedi que ela esperasse por mim e voltar para a Itália foi ainda mais difícil. Eu só sei que longe ou perto ela continua dentro de mim. Infelizmente, ainda tenho medo de quebrar a cara, não consigo confiar. Meu irmão insiste que ela se

deitou comigo de caso pensado. Eu não sou nem o primeiro nem o último a ser manipulado por uma mulher e não gosto da ideia de ter sido enredado, mas convivendo com ela fica difícil acreditar que tenha premeditado alguma coisa. Nesse ponto a distância é necessária e preserva minha autonomia. Eu amo a Mel, eu quero a Amanda, mas não quero ser um joguinho na mão de ninguém. Mas, acima de tudo e dos meus medos, a única certeza que eu tenho é que não quero perdê-las.



“I am on my way!
I can go the distance!
I don't care how far!”
Michael Bolton¹¹

Três anos depois...

O Alex fez muitas viagens para visitar a Mel e passou quase todas as festas de fim de ano conosco, estava mais carinhoso, mas não se abria comigo, não me dizia o que sentia de verdade e nossa relação continuava em banho-maria, às vezes ele era tão reticente que eu sentia como se fôssemos casados há cinquenta anos e tivéssemos mergulhado na rotina. Se a gente pegava fogo quando se tocava? Sim. Mas depois ele meio que se fechava e evitava DR's a todo custo. Acho que ele curte o casamento a distância. Eu não.

Ele sempre tenta se mostrar controlado perto de mim, mas tem suas recaídas e aí liberta o Príncipe dos Lençóis, ficamos juntos nesses momentos, umas noites bem quentes, mas depois ele fazia a mala e voltava para a Itália e eu não via sinal de que pretendia assumir uma vida ao meu lado.

Sempre fui louca por ele e me contentei com o pouco que me dava por muito tempo. No começo, quando ele ia embora, enchia seu celular de mensagens carinhosas. A resposta era sempre um *emoji* bobo mandando uma flor ou um beijinho. E se eu perguntava até quando aquela distância ia durar, ele simplesmente dizia que era para o nosso futuro. Eu teclava mais umas vinte frases, dentre elas muitas perguntas, e ele respondia com “depois a gente vê”.

Pedia que eu o deixasse se concentrar no trabalho e eu me vi ignorada muitas e muitas vezes. O tempo foi passando e então cansei. Aderi à economia de palavras, mesmo assim demorei muito a tomar a decisão de me separar.

Primeiro porque a Mel era bebê, exigia muitos cuidados e por mais que a grana do Alex nos desse conforto financeiro, tive que me ajustar à vida de mãe solteira, o que não é fácil. A babá da Mel era meu braço direito. A Maristela quem me enviou a Dani, uma senhora de 52 anos, muito competente e prestativa. Mas mãe é mãe e não dá para depender de babá 24 horas por dia. Então, para dizer a verdade, durante o primeiro aninho da vida da minha filha eu meio que só existi como mãe e até esqueci que era mulher.

Depois a faculdade exigiu minha atenção. Veio o fim do curso, o TCC e finalmente as provas que prestei para concursos públicos. A cereja do meu bolo ao longo dos dias era o sorriso da Mel. Profissionalmente eu me realizei, porque consegui um contrato com uma grande editora, então esporadicamente ilustrava lindos livros infantis com minhas aquarelas. Que orgulho! Eu já tinha até um convite para uma exposição no Palácio das Artes¹².

E bingo. O tempo voou e, quando dei por mim, já estava formada. Comecei a me valorizar mais, a me arrumar com mais capricho. Alguns caras me convidavam para sair, não vou negar, mas eu não tinha coragem, não com aquela aliança no dedo, só quando tive vontade de ficar com outro cara e ter um relacionamento real, percebi que era hora de partir para outra. Traição não é comigo, prefiro ser honesta e terminar tudo, do que fazer as coisas pela metade, ou escondido.

Naquela manhã minha amiga Lena, negra, linda, professora de artes, ativista ambiental, e mais do que isso, uma pessoa incrível que eu conhecia desde a primeira série, me entregou o Diário Oficial com minha nomeação para ocupar o cargo de professora municipal (iupi!), eu me senti tão bem. Há poucos dias, eu tinha tirado carteira e meu pai me deu um minicooper vermelho de formatura. O Mandamóvel era um charme! Fofa! Com a nomeação para o concurso, eu me senti adulta, independente. Meu próximo passo era sair da casa dos meus pais e alugar um apartamento. Sim, era a hora de bater as asas e construir meu ninho, afinal, eu já tinha um passarinho e um gato a tiracolo.

Eu sabia que não seria fácil comunicar minha decisão, mas estava na hora de ter meu cantinho. Sonhava com ele. Também não queria passar o resto dos meus dias à espera de um marido que não me amava e não estava presente para mim quando eu precisava de colo e carinho.

Entrei em casa silenciosamente. Fui direto para o quarto, onde encontrei a Mel nos braços da Eliane. Os cabelos pretos e os olhos de um verde intenso eram uma lembrança constante do Alex. Nossa filha era linda. O pai escrevia,

telefonava, mas nada de voltar para o Brasil. Partia meu coração que ele suportasse ficar longe dela tanto tempo, na realidade, de nós.

Durante as tardes daquela semana procurei um apartamento bom e bem localizado, mas foi só após quinze dias de procura e por indicação de uma colega, que consegui um que me agradasse. Próximo à casa dos meus pais, ficava em um prédio recém-construído, era espaçoso, claro e atendia perfeitamente as nossas necessidades.

Ficava no terceiro andar, com três quartos, sendo duas suítes, banheiro social, cozinha ampla, sala de estar, área de serviço completa, sacada ensolarada e duas vagas de garagem.

Com a ajuda da Eliane, a única que conhecia meus planos, preenchi os procedimentos burocráticos e assinei o contrato de trinta e seis meses.

Comecei a organizar o apartamento aos poucos. Primeiro telei todas as janelas e sacada, porque assim protegia a Mel e a Floquinho ao mesmo tempo. Depois mobílei e decorei. Eu me dividia em muitas, mãe 24 horas, porque mesmo longe a gente está ligada o tempo todo, professora municipal com carga horária de 22 horas semanais, ilustradora e futura dona de casa. Uhulll!!! Após uns quarenta dias nessa rotina de vai e vem, minha vida, enfim, se estabilizou.

Aproveitando-me do fato de que no final da semana toda família estaria presente, comuniquei minha mudança e decisão de me divorciar, o que causou grande tumulto. Todos falavam ao mesmo tempo e foi manifestando evidente desaprovação que o Senhor Antônio ouviu o que eu tinha a dizer.

— Não concordo, filha. O que vai fazer com a menina enquanto trabalha?

Antônio apegou-se muito à neta.

— Pai, ela já está na escolinha, então não muda muita coisa, no turno da manhã ela estuda e eu trabalho e à tarde estaremos juntas novamente. Tem a Dani que me ajuda muito, mas sempre que quiserem eu a deixo passar um tempo aqui com vocês. O apartamento é ótimo e fica pertinho. Minhas irmãs estão casadas, o Ju passa dias fora da cidade, não é justo que só eu continue sendo tão dependente. Vocês foram maravilhosos comigo e a Mel, mas preciso do meu cantinho. Assim vocês também terão uma vida mais tranquila.

— Por que não espera o Alex voltar antes de tomar essas decisões tão sérias? Aí quem sabe vocês se acertam e alugam um apartamento.

— Pai, vamos ser honestos, nem sei se o Alex pretende voltar. São mais de quatro anos morando fora, longe de nós.

— Não entendo por que o Alex se casou com você. Agiu como um irresponsável. Eu esperava que ele voltasse para o Brasil assim que concluísse o curso, mas não.

Era hora do jantar. Toda a família estava reunida e aproveitei a presença dos

meus irmãos e cunhados para me abrir.

— Pai, eu tive muita culpa nisso.

— Como assim?

Contei a verdadeira versão sobre aquela noite no sítio e o modo como o Alex agiu apenas para me proteger.

Meu pai, incrédulo, me olhou como que estivesse se assegurando de que eu estava falando a verdade. Ficou indignado comigo. O Ju reagiu da mesma forma. Mas fui honesta e enfrentei a recriminação pelo meu ato irresponsável, o que deveria ter feito desde o começo.

— Entendam, eu era só uma garota mimada, apaixonada e inconsequente. Agi por impulso, claro, também um pouco alterada pelo álcool. Gostava dele e me joguei de cabeça. Se querem culpar alguém, culpem a mim. Estive omissa por muito tempo, sei que todos guardam um grande ressentimento contra ele, mas agora sabem como tudo aconteceu e o que Alex tentou fazer para me proteger. Não quero mais passar por vítima ou que sintam pena de mim por criar a Mel sozinha.

Com a voz embargada, meu pai respondeu;

— Não posso dizer que aprovo o que fez, mesmo assim, isso não o libera da responsabilidade para com a Mel. Dar dinheiro é uma coisa, dar amor é outra. Ele precisa estar por perto. É o dever dele como pai. Se ele se embebedou a ponto de não saber com quem estava dormindo, ela não tem culpa alguma e merece ter pai e mãe presentes. — Triste, meu pai se retirou da sala. Minha mãe me abraçou e meus irmãos tentaram mudar de assunto.

Mais uma semana se passou e nos mudamos. Ao entrar no lugar que seria meu novo lar, fiquei orgulhosa. Soltei a Floquinho do carregador e peguei a Mel no colo, com o coração cheio de amor.

— E aí, maninha, como está se sentindo? — perguntou Eliane, estendendo as mãos para a afilhada.

— Ainda não sei como vai ser daqui pra frente, mas estou tão feliz!

— O apê ficou uma graça, a sua cara! É admirável. Você era tão nova quando engravidou e agiu com tanta maturidade. Está formada, tem ilustrações maravilhosas no portfólio, foi nomeada no concurso e sua filhinha está se desenvolvendo bem, é uma criança feliz e saudável. Sei que só não é mais feliz por causa do Alex, mas tem muita sorte, Amanda, e todos nós temos muito orgulho de você.

Nós nos abraçamos, chorei de alegria e enquanto a Eliane sentou-se com a Mel sobre o tapete repleto de brinquedos, fui até o meu quarto. Era o único com closet, a maior suíte do apê. Escolhi móveis brancos como nos demais, inclusive a cama king size. As paredes também eram brancas, com exceção de um painel

cor de palha atrás da cama. Pintei uma aquarela romântica que se destacava sobre o painel. Um casal se beijando e intencionalmente ou não, não é que aqueles dois se pareciam comigo e o Alex? A colcha era creme, com delicadas rosinhas bordadas, ali no meio dos travesseiros, a Floquinho se enroscou. Na lateral do quarto havia uma cômoda com espelho e poltrona.

Peguei um álbum na gaveta da cômoda, que registrava o desenvolvimento da Mel, desde o parto até os dias atuais, incluindo uma foto que tirei na nossa nova casa, pouco antes da mudança. Organizei com riqueza de detalhes, como datas e acontecimentos especiais. Folheei com cuidado. Aquele era o meu presente para o Alex. Se ele não se sensibilizasse com aquilo, nada mais seria capaz de tocá-lo. Anexaria uma carta, em que o informava sobre o apartamento e a intenção de me divorciar.

Alex,

Este álbum é um presente que eu fiz pensando em você e na Mel. Registra momentos que não viveu com ela e também os poucos instantes em que estiveram juntos. Não sei se pretende voltar para o Brasil algum dia, mas eu saí da casa dos meus pais esta semana. Estou começando uma vida nova e estou muito feliz com a Mel. Agora que me formei, tenho a renda das ilustrações e fui nomeada professora, entendi que não faz mais sentido depender de ninguém. Outra decisão que tomei é me divorciar de você. Não faz mais sentido manter este vínculo entre nós. Nosso casamento nunca passou de uma formalidade, no começo até tive esperanças, mas este ano nos afastamos mais ainda e está na hora de um ponto final, acho que concorda comigo.

Sem mágoas de minha parte, tá? Apenas espero que não se esqueça da Mel. Não que um oceano entre vocês seja pouco. Não posso perder o humor, né?

A verdade é que ela nunca teve culpa de nada.

E a propósito: vou deixar algo bem claro, o que não fiz todos esses anos, talvez por imaturidade, talvez por uma revanchezinha que eu não pude evitar ou um orgulho bobo. Eu nunca planejei engravidar, eu era só uma adolescente boba e muito apaixonada, irresponsável, sim, não nego, mas eu te adorava e pouco me importava seu dinheiro ou sobrenome. Eu queria seu corpo, seus olhos, seu sorriso, sua atenção, eu queria tudo de você. Minha família já sabe o que eu fiz. Tudinho. Não escondi nada, então eles não estão ressentidos com você. Infelizmente, sua família vê o mundo de forma distorcida, perderam a fé nas pessoas, sem diferenciar quem se aproxima por bem e quem se aproxima por mal. Talvez você e o Matteo não percebam que são lindos de viver, inteligentes,

bem-sucedidos e capazes de atrair uma mulher independentemente da conta bancária. Lamento por isso. Mesmo assim, desejo que seja feliz, porque, embora tenha sido um sapo comigo, eu sei que aí dentro desse coração mora um príncipe. E não, eu nunca vou me arrepender daquela noite, por dois motivos: pelo que vivemos, que foi muito bom e porque ela me deu a Mel.

Amanda.

Pedi a Eliane que ficasse com a Mel enquanto fui ao correio. Quando voltei, uma hora depois, eu me sentia toneladas mais leve. Sem medo de enfrentar o futuro, sem temor de encarar o passado, sem meias-verdades ocupando um espaço opressivo no meu coração. Eu estava livre de mentiras e dissimulações. E isso é muito bom.



Dias depois...

O interfone tocou e fui atender pensando que era o Ju para buscar a Mel. Ele é padrinho dela e de quinze em quinze dias sai com ela e a Dani para um passeio especial. Meu irmão é supercuidadoso com a sobrinha e mesmo ocupado com o trabalho e os estudos sempre me deu a maior força desde que ela nasceu.

Ao olhar no olho mágico não vi o gato do meu irmão, mas a minha adorável sogrinha (que de adorável não tem nada). A Maristela fez cara de quem chupou limão para a porta, depois andou até o elevador exibindo sua roupa de grife e a postura impecável. Então retornou e checkou um papel na bolsa de grife, onde provavelmente estaria anotado o número do meu apartamento. É, infelizmente não tinha erro. Respirei fundo e abri. O que eu sinto por ela é praticamente o que a Cinderela sentia pela madrasta malvada. Ela nunca aceitou meu casamento e mal disfarçava seu desagrado por mim.

— Como vai, Maristela?

— Estou ótima. Liguei para a casa de seus pais e me informaram seu novo endereço, achei estranho não ter sido comunicada da mudança. Quero conversar com você sobre a Mel.

Hum... lá vem bomba.

— Mas o que é tão importante que te trouxe aqui a essa hora da manhã?

— Sabe muito bem que nunca te perdoei por ter forçado meu filho a esse casamento absurdo. Deu no que deu. Só fiquei calada todo esse tempo por causa da menina. Mas depois da última conversa que tive com o Alex percebi que ele não tem planos de voltar tão cedo para o Brasil, se quer mesmo saber, acredito que já encontrou uma mulher do nível dele por lá, já que terminou o curso e nem assim quis voltar.

Não pude evitar o tsunami de raiva que me subiu às faces. “Sou a Pimenta Jalapeño, muito prazer, dona cobra”.

— Olha, Maristela, ao contrário do que pensa de mim, não engravidei de propósito. Tampouco tenho intenção de atrapalhar a vida do seu filho. Nunca tive. E se posso esclarecer alguns fatos, a esta altura da minha vida já não me importo que o Alex esteja ou não com alguém, pelo contrário, até torço para que seja feliz.

Maristela riu com cinismo.

— Duvido que pense assim, porque não é todo dia que uma professorinha vulgar e comum como você fisga um homem lindo e rico como o meu filho, mas se é verdade o que está me dizendo, melhor para você.

— Tanto é verdade que já escrevi para o Alex comunicando que pretendo me divorciar.

Dona Cobra comprimiu os lábios, exprimindo certa dúvida no olhar e pareceu ponderar antes de responder:

— Ótimo. Já que falou em divórcio, não acredito que seja uma boa mãe para a Mel. Vou conversar com meu filho, estou pensando em pedir a guarda da menina.

Furiosa, não me contive:

— É mesmo? E vai pedir a guarda de minha filha sob que alegação? Tanto você como seu filho não poderiam ser mais ausentes na vida dela. Nunca passou mais do que um fim de semana por mês com a Mel e agora aparece falando que pretende tirá-la de mim? Quero ver que juiz no mundo vai entregá-la a seus cuidados. Uma avó completamente indiferente. Se quer saber, tenho sido muito paciente com a senhora. Não me importa o que pensa de mim, nada do que disser vai me tornar uma péssima mãe, porque tenho vivido para a Mel desde o dia que ela nasceu e sempre fiz tudo para suprir a ausência do pai que ela mal conhece. Eu estudo, trabalho e para a minha filha não falta nada. E se me dá licença, tenho mais o que fazer. Meus domingos são preciosos demais para perdê-los de forma tão desagradável.

— Ora, isso não vai ficar assim. Aguarde o contato dos meus advogados.

— Pois vá para o inferno e leve-os com você.

Maristela se retirou perplexa e eu bati a porta com força. Meia hora depois, eu ainda sentia o rosto queimando.



Saí do escritório do meu tio apressado. A vida profissional que assumi em Roma ocupava cada segundo do meu tempo e, embora por diversas vezes tivesse decidido partir, acabei adiando a volta para o Brasil, indefinidamente, o que eu lamentava, principalmente pela Mel. Naqueles anos ganhei causas milionárias e consegui mérito e nome como jurista. No Brasil, os negócios da família me aguardavam para assumir a área jurídica, mas a Itália era fascinante, as oportunidades iam surgindo, o que me fazia pegar mais e mais causas. Com isso, fazia onze meses que eu não colocava o pé no meu país, meses sem ver minha esposa e minha filha.

Contudo, naquela manhã o corpo pediu descanso. Não me sentia bem, estava fortemente resfriado e meu tio me intimou para que fosse para casa, a fim de me curar e descansar.

Mal entrei no sobrado onde ocupava uma suíte, a governanta me entregou uma encomenda. Vi que a destinatária era Amanda e, assim que entrei no quarto, sentei-me no sofá para verificar o conteúdo.

Emocionei-me com as fotos. Era um lindo álbum, acompanhando e descrevendo cada momento da vida da Mel naqueles quatro anos. Eu tinha outras fotos, mas não como aquelas. A sensação de perda bateu forte, era como se a Amanda quisesse me dizer que eu estava perdendo algo grandioso. Pelo menos, foi assim que eu me senti. No final, surpreendi-me com uma carta anexa. Trocávamos mensagens com frequência e ela não me disse nada sobre aquela carta.

Minha intuição não falhou. Tomei um susto quando a li. Amanda queria se divorciar. E tudo isso depois de me dizer que nunca planejou aquela gravidez e que só deitou comigo no sítio porque era apaixonada por mim. Apesar da distância, eu não esperava um pedido de divórcio. Eu devia estar dando pulos de alegria por ela tomar a iniciativa, porque no último ano estávamos bem afastados mesmo, mas por algum motivo fiquei muito triste.

Como advogado eu sabia que morando fora há tanto tempo, o procedimento

seria mais simples e rápido, mas reli a carta umas três vezes e nem assim aceitei a ideia.

Ela falava em uma nova vida, teria encontrado outro homem? Tudo o que eu fazia, justificava como sendo pelo bem da minha esposa e da minha filha. Só agora, lendo aquela carta, percebi que estava fora da vida delas.

Pela primeira vez naqueles anos veio uma sensação de impotência absurda. A verdade é que nunca dei uma chance real para o meu casamento, e com o passar do tempo ter a Mel e a Amanda me esperando era uma certeza. Agora eu percebia como me enganei. Ninguém estava me esperando. E pensar na Amanda retomando a vida ao lugar de outro homem me fazia pensar como um homem das cavernas, porque cada célula do meu corpo se rebelava. Nunca me senti tão mal. Mas por quê?

mãe e passar horas ouvindo as aberturas 🙄 de todos os desenhos do Discovery Kids.

Enquanto esfregava meus olhos grudados de sono, pisei numa pecinha pontuda da Lego que estava no chão do corredor assim que saí do quarto e vi estrelas, só não gritei um palavrão por causa da Mel.

Seria a Maristela? O mal-estar foi instantâneo. A visita da minha nada adorável sogra no início do meu fim de semana era demais pra mim. O que podia esperar? Mil pedras na mão, e aquele jeitinho indelicado de me jogar na cara cada centavo que o Alex enviava para a filha.

Ao checar pelo olho mágico, vi o porteiro, seu Geraldo, numa expressão clara de impaciência. Ufa! Não era a dona cobra, digo, sogra. Mas assim que abri a porta e vi quem estava ao lado do homem segurando um pequeno embrulho e uma rosa vermelha, quase travei a mandíbula. Embasbacada, a palavra é essa, dei um abrupto e malfadado passo para trás, me enroscando desajeitadamente no lençol, o que me fez cair para trás de forma nada elegante.

E plantada no chão, com as pernas numa deselegante abertura, me belisquei (literalmente) para me certificar do que via. Era mesmo a tentação em pessoa, que no momento disfarçava um riso com o canto da boca.

— Alex?!

— Dona Amanda — informou o porteiro um tanto constrangido com a visão das coxas e da calcinha com estampa de gato que eu exibia sem censura, agora que estava estabacada no chão —, este rapaz insistiu em subir dizendo que é seu marido e eu... bem, como ele nunca deu as caras por aqui, o acompanhei porque não tinha certeza.

— Obrigada, Onofre. Está tudo bem, pode descer agora.

— A senhora tem certeza? — indagou o homem desconfiado.

— Claro, pode descer sossegado, ele é o pai da Mel — afirmei ali do chão, já de pernas devidamente fechadas, ainda meio grogue de sono, meio surpresa. Será que eu ainda estava sonhando?

— Então está bem — respondeu o Geraldo. — Quer ajuda?

— Pode deixar que eu ajudo minha esposa.

Alex avançou alguns passos e estendeu a mão para que eu me levantasse. Já de pé, eu me recompus com o lençol e só então fechei a porta, sentindo as mãos geladas e as pernas bambas. Eu obviamente estava completamente atordoada com a visita inesperada, se é que posso chamar assim. Será que bati a cabeça e estou delirando?

— Interessantes trajés! — brincou o Alex, rindo com o canto da boca.

— Jura que gostou? — ri também, mas não exatamente feliz e fui logo perguntando: — Por que não me avisou que viria? Eu nem fazia ideia de que

estava no Brasil... — e antes que eu pudesse concluir a frase, ele me interrompeu:

— Desculpa o horário, mas vim praticamente direto do aeroporto e... nossa, faz muito tempo que não nos vemos.

Ele me surpreendeu ao me abraçar apertado.

Apertado demais. Então me entregou a rosa e o embrulho que segurava em uma das mãos. Só aí reparei que era uma caixinha da Cartier.

Fiquei sem saber se abria ou falava. Aliás, pensando no meu bafo matinal, falar era o que eu menos queria agora. Ele perguntou:

— Não vai abrir? Eu trouxe outros presentes, mas este é especial.

Ainda impactada abri. Era um delicado conjunto de gargantilha e brincos de ouro branco e esmeraldas. Ele sabia que esmeralda é minha pedra predileta.

— Nossa, que lindo! Obrigada.

Cheirei a rosa e ele falou:

— Senti sua falta. Eu juro que queria ter voltado antes. Não houve um só dia em que eu não pensasse na Mel, em vocês.

Era muita coisa para uma só manhã. Levei um tempo para responder, engolindo o imenso nó que se formava na minha garganta.

— Meu Deus, ela vai ficar muito feliz. Eu sempre falo de você, mostro seu retrato, ela sempre pergunta: “cadê o papai?”. Ultimamente está falando, descobrindo o mundo na escolinha e pergunta com mais frequência.

Alex fitou o chão constrangido.

— Recebi sua encomenda. Ainda não posso acreditar que tenha contado tudo para a sua família.

Eu o convidei a se sentar no sofá e só então ressaltei:

— Eu precisava, né? O tempo passou. Tenho minha vida, meu trabalho, nunca me senti bem em omitir a verdade. Eles estavam decepcionados com você, intrigados com sua ausência e os anos em que ficamos separados. Bem, sinto-me muito feliz por ter tido coragem de falar a verdade e esclarecer os fatos... Estava mais do que na hora de colocar um fim nessa história. Agora que passamos tudo a limpo, podemos refazer nossas vidas. Vai ser mais fácil se estivermos oficialmente separados.

Ele me encarou pensativo, levantou a sobrancelha esquerda, passou a mão pelo rosto e disse:

— Concordo em tudo, menos com o divórcio.

— Como assim? — Eu ri com vontade. — Desculpa, Alex, mas até parece que quer continuar casado.

— E quero.

Olhei a expressão dele e não vi nenhum sinal de ironia.

— Oi? Ouvi bem?

— Perfeitamente.

— Não entendo o motivo. Pra quê? Olha só, eu tenho pouco mais de 22 anos, estou na melhor fase da minha vida e cansei de ficar sozinha. Sou muito jovem pra me contentar com um casamento de papel. Quero ficar livre, sair, namorar, viver o que não vivi até aqui.

— Amanda, apesar dos anos que morei na Itália, eu vim sempre que pude. Tudo bem que no último ano me ausentei, reconheço, mas nos correspondemos, liguei todas as semanas, nunca esqueci minhas obrigações com vocês e até sua última carta eu achava que estava tudo bem entre nós.

Achava? Eu não sabia se era para rir ou chorar.

— Desculpa, mas se enganou. Apostar na sua carreira e arcar com as despesas da sua filha é uma coisa. Agora viver lá e nós aqui, fala sério. Esse tipo de família virtual não dá. Na hora H quem está aqui pra segurar a barra, correr para o hospital quando nossa filha passa mal ou mesmo ficar de vigília a noite toda porque ela está com febre sou eu. Ela sente falta de um pai. E eu... sinto falta de um homem. Quero um relacionamento físico.

— Por mais ausente que eu tenha estado, sou o pai dela.

— Que ela mal conhece.

— Isso vai mudar. Eu voltei. Preciso organizar minha vida, os negócios, mas não quero pensar em divórcio. Quero conviver com minha filha, com vocês. Não voltei por acaso. Sua família sempre me recebeu de braços abertos e você... eu sempre gostei de você como...

— Eu sei, como a irmã caçula do Ju, pelo menos antes de me achar uma interesseira dissimulada. Alex, eu realmente queria que tudo tivesse dado certo entre nós, mas errei e você também errou, e acabamos com qualquer chance de dar certo entre nós. Não quero mais um casamento que só existe na certidão e à distância. Quero alguém que possa estar do meu lado no dia a dia, segurar minha mão nos momentos bons ou ruins. Sinto falta de carinho, de sexo, de alguém que realmente me enxergue como mulher e não que esteja apenas preocupado em pagar as contas da Mel e falar comigo alguns minutos por semana através de um telefone ou computador. Com exceção de poucas noites comigo, você nunca passou de um amigo. Somos novos demais para nos contentar com tão pouco. Sua mãe me disse há poucos dias que você encontrou alguém na Itália, aposto que sim, já eu tenho que manter as aparências, como se estivesse no século passado. Chega disso.

— Eu não tenho ninguém, não sei de onde minha mãe tirou isso, mas entendo e respeito seu ponto de vista — afirmou.

— Então?

— Vou te pedir só mais um tempo pra gente conviver como uma família. Pode ser?

— Não entendi.

— Eu cheguei essa madrugada. Como ainda era muito cedo, deixei minha bagagem num hotel perto do aeroporto. Quero saber se posso ficar com vocês aqui. Quero ficar perto da Mel, preciso disso.

Fiquei confusa. Quando escrevi aquela carta não imaginei que o Alex fosse voltar tão rápido, muito menos para brincar de casinha comigo. Estava confusa. Por um lado, é lógico que eu queria ele perto da Mel; por outro, temia que sua proximidade me machucasse ainda mais. Eu conhecia a indiferença de um homem, porque foi assim que ele agiu no começo do casamento, não queria mais passar por aquele tipo de rejeição. Também não era justo negar aquela convivência entre pai e filha, até porque ele não deixou que nada nos faltasse enquanto esteve fora.

Enquanto eu incendiava meus neurônios numa ciranda de “ses”, a traira da Floquinho chegou toda faceira e ficou relando nas pernas do Alex, miando alto, querendo atenção. Ele se abaixou e a pegou no colo.

— Que saudade, Floquinho. Pelo menos, alguém está feliz em me ver.

Ela respondeu ronronando e ele sorriu.

— Também senti sua falta. E não, não vi nenhuma gata tão linda quanto você na Itália.

Como eu queria ser a Floquinho naquele momento! Ai, carência, você me compromete.

Suspirei.

— Você me pegou de surpresa.

— Quero estar ao lado da Mel, mas se recomeçar minha vida aqui longe dela e de você, de que forma poderemos construir um relacionamento? Depois, mesmo que o nosso casamento só exista no papel, ainda somos casados.

— Depois de todo esse tempo não sei... claro que a Mel ia gostar, mas me incomoda pensar que não sei aonde você andou, com quem esteve, o que fez. Nosso único vínculo nesses últimos meses foi a mesada da Mel e algumas conversas superficiais.

— Eu posso falar sobre cada um de meus dias. Eu trabalhei como um louco, ganhei muitas causas e conseqüentemente muito dinheiro, e nas horas vagas pratiquei alguns esportes, mas se o que quer saber é se tive alguma mulher, minha resposta é não. E estou sozinho há tanto tempo que só de te olhar embrulhada nesse lençol e imaginar o que tem debaixo estou custando a me segurar.

Ele foi tão direto que quase engasguei. Era quase tudo o que eu queria

ouvir. Quase.

Mordi os lábios insegura. A verdade é que a presença do Alex ainda tinha o poder de me perturbar, e como!

Minha Nossa Senhora das esposas carentes, não me deixe cair em tentação!

Eu olho para esse moreno de cabelo preto e olhos verdes, alto, forte, malhado e tudo que quero é arrancar sua roupa e cair de boca em cada centímetro da sua pele. E preciso fazer um esforço danado para não pular em cima dele. Até porque quem pediu o divórcio fui eu.

Refleti por alguns instantes... aqueles olhos atrevidos espreitando meu rosto acordavam sensações que eu queria manter adormecidas. Ele continuava lindo, estava mais elegante, vestia um bonito terno italiano cor de chumbo, camisa branca, gravata salmão, sapatos pretos de couro. Os cabelos lisos penteados de lado.

— Você já tem um homem em sua vida, é isso?

Ele realmente estava indo direto ao ponto. Olhei para ele e vi algo parecido com aflição. A testa franzida, a boca apertada, não tive coragem de mentir.

— Não, Alex. Ainda não.

— Então me deixa ficar.

Morando juntos novamente, ainda que por pouco tempo, tinha certeza de que ia sair machucada. Ao mesmo tempo, pensei na Mel. Aí meu coração desmanchou.

— Tudo bem. Temos um quarto de hóspedes. Você pode ficar, mas é só por enquanto. Quanto a nós dois, como nunca me amou e estamos perto de um divórcio, não vejo motivos para um relacionamento mais... íntimo.

Minhas bochechas ficaram cor de tomate mesmo sem querer.

Ele se aproximou mais de mim no sofá e segurou minhas mãos, dando um beijo em meu rosto. O perfume cítrico masculino me confundiu. Senti saudade daquele abraço. Saudade e vontade de puxá-lo todinho para mim.

Então me desvencilhei alegando que precisava me trocar. Fui para o quarto, me aliviei no banheiro, lavei o rosto, escovei os dentes e depois vesti o short do meu pijama. Sem o lençol, voltei para a sala e o chamei para ver a Mel.

O Alex me seguiu tentando ser o mais silencioso possível. Pedi que tirasse o sapato e deixasse perto da porta, na sala. Assim que abri a porta, veio aquele cheirinho gostoso de bebê do perfume da Mel... O quartinho dela era o pedacinho cor-de-rosa do meu mundo. Nas paredes fiz uma delicada faixa em aquarela, com motivos florais. A mobília toda branca. O lustre com pingentes de cristal. Tapete antialérgico em dois tons de rosa aderente ao chão, contrastando com o tom claro da parede. Uma caixa de brinquedos estava no canto e ao lado

uma pequena mesinha onde ela se sentava para desenhar e colorir.

Na minicama em forma de ursinho, um edredom branco. Sob o edredom, destacavam-se os cabelos pretos e lisos como os dele. Ele se aproximou, então, a pequena se virou na cama, revelando um rosto angelical.

— Ela está tão linda! Cresceu muito! Nossa filha parece uma bonequinha. E o quarto dela, nossa, que trabalho bonito você fez aqui!

— Sou suspeita pra falar, mas é sim para tudo. A Mel é uma fofurice. Precisa ver esses olhinhos verdes brilhando. Cada sorriso que ela dá me lembra você...

Nós nos entreolhamos e o Alex não perdeu a oportunidade:

— Que bom que ainda tem um motivo para se lembrar de mim. Você está mais bonita ainda.

Aí era demais para o meu coração. Desviei o olhar para não dar bandeira, do tanto e tanto que ele ainda mexia comigo. E o meu coró de borboletas, adormecidas há séculos, acordou e voltou a cantar mais forte que nunca:

*“Por que é que tem que ser assim?
Se o meu desejo não tem fim
Eu te quero a todo instante
Nem mil alto-falantes
Vão poder falar por mim
Eu não existo longe de você
E a solidão é o meu pior castigo...”¹⁴*

E tive que fazer um esforço danado para não cantar também, olhando aquela boca perfeita que só fazia me tentar. Certamente corei, mas não respondi ao elogio. Apenas comentei:

— Espere só ela acordar. Vai te encher de perguntas e falar tanto, que você vai se arrepender de ter pedido para ficar aqui.

— Não acredito.

— É porque ainda não viu essa tagarelinha em ação.

Saí para preparar nosso café da manhã e o Alex ficou com a Mel. Quando voltei para dizer que a mesa estava pronta, ela acordou.

Quando abriu os olhos e viu o pai, esfregou os olhinhos e o encarou intrigada por alguns instantes. Então a abracei e disse:

— Bom dia, meu amor, sabe quem está aqui com a gente?

Ela escondeu o rosto no meu peito, mas após algum tempo, já mais desperta, perguntou:

— É o papai, mamãe?

— É sim, Melzinha! Seu papai voltou pra casa. E dessa vez voltou de verdade.

— Pra ficar?

— Sim, linda, pra ficar e ele está com muita saudade! Você vai dar um superabraço nele?

Sorridente, a Mel balançou a cabeça afirmando e se desvencilhou de mim, abraçando o Alex como se não fosse mais soltar. Não se passou muito tempo, antes que ela se sentisse confortável em sua presença e desatasse a falar.



“When I see your face
There's not a thing that I would change
'Cause you're amazing
Just the way you are...”
Bruno Mars¹⁵



Mais tarde, naquele sábado, fui ao hotel buscar minhas coisas. Antes de voltar para o apartamento da Amanda passei na casa da minha mãe. Avisei sobre minha chegada pelo *WhatsApp* e ela e meu irmão estavam esperando por mim.

Entreguei os presentes e minha mãe deixou claro que ficou feliz quando a Amanda lhe falou sobre o divórcio. A alegria dela durou até eu dizer com todas as letras que não pretendia me separar da Amanda e que tinha voltado para reconquistar minha esposa, seguindo um conselho do meu tio Giuseppe.

Dona Maristela quase surtou. Deu um chilique falando sobre a minha falta de pulso e determinação e mais um blá-blá-blá sobre a Amanda não ser do meu nível, ser uma caça-níquel, que desta vez ignorei.

Para minha surpresa, o Matteo apoiou minha decisão. Só entendi a mudança

dele quando soube que conheceu a Lena, a melhor amiga da Amanda, quando foi buscar a Mel com a minha mãe e se encantou. Os dois trocaram contatos e estavam saindo juntos. Ele dizia que eram só amigos, mas amizade ou não, ela estava fazendo meu irmão mudar de opinião sobre as mulheres.

Por volta das seis da noite voltei para o apartamento. A Amanda estava cantando e dançando enquanto preparava o jantar. A Mel também cantava assistindo Moana e depois de observá-las algum tempo, na sala, resolvi me instalar no quarto de hóspedes e desfazer minha mala. Separei a montanha de presentes que trouxe para a Mel e a Amanda, que ocupavam quase uma bolsa inteira. Joias, bonecas italianas, chocolates e uma infinidade de mimos que sempre comprava quando ia a uma cidade nova. Até a Floquinho tinha presente.

Notei que o quarto de hóspedes tinha o mesmo capricho dos outros cômodos, estava impecavelmente limpo e cheiroso. Os móveis brancos e delicados. Havia uma bonita colcha verde-água de Piquet sobre a cama de casal, as almofadas brancas e com folhas bordadas no mesmo tom da colcha. Na parede havia aquarelas de paisagens belíssimas assinadas pela Amanda, o tom dos desenhos combinando com o verde da parede. As molduras douradas, de um bom gosto admirável. Senti orgulho.

Mesmo sendo uma suíte muito agradável, prometi que não ficaria ali por muito tempo. Eu tinha planos para a suíte principal. E como tinha.

Tomei um banho e coloquei uma roupa leve. Enquanto ajeitava o resto das minhas coisas, a Amanda chegou num vestido evasê curto, o cabelo solto, toda maquiada e cheirosa e veio me chamar para o jantar. Ela me olhou dobrando aquelas roupas na gaveta do armário como se estivesse cometendo um erro, eu sabia que ela tinha medo de se decepcionar, entendia, pois também não queria sair machucado. Talvez eu estivesse cego todos esses anos, mas a possibilidade de perdê-la me deixou louco. Tão louco que eu não ia permitir que ela saísse da minha vida.

Eu a acompanhei até a sala e, surpresa, toda a família dela estava presente. Foi uma recepção muito mais calorosa do que a da minha mãe e do meu irmão.

Antônio e Arlete me abraçaram como se eu fosse o filho deles. Adorei rever a Clara, a Eliane, o Otávio, o Léo, a Neide e, principalmente, o Juliano. Ficamos conversando até meia-noite. O Otávio tocou violão e todos acompanhamos nas canções. Lembrei-me das reuniões no sítio e combinamos de passar o próximo fim de semana lá. E foi então que percebi que voltar ao Brasil foi a melhor decisão que tomei.

Mais tarde, na cama, eu ansiava pelo corpo da Amanda. Dizem que só quando a gente perde é que dá valor. Acho que foi o que aconteceu comigo. Toda vez que eu chegava de viagem ela estava disponível, carinhosa, agora tinha se

tornado impossível para mim. A verdade é que, por mais que eu fugisse do amor, eu a amava, só que nunca consegui me expressar, nunca consegui falar. Talvez pela forma fria como meus pais se relacionaram, talvez pelo tanto que vi meu irmão sofrer, eu tinha jurado nunca me envolver a ponto de me tornar um capacho; e, quando ela ficou grávida, foi justamente o medo de me tornar um fantoche nas mãos dela que me afastou. Agora eu me arrependia e pedia a Deus que não fosse tarde demais para reconquistar minha família.



Os dias foram passando e nossa convivência se tornando cada vez melhor, a Mel facilitava tudo, porque ela não exigia nada do passado, apenas a minha atenção e carinho imediatos.

O fato de eu me dar tão bem com nossa filha nos uniu. A Amanda passou a dividir algumas funções comigo e até a se abrir mais.

Assumi meu cargo nas empresas e aliviei um pouco a carga que o Matteo levava nas costas. Ficava lá até as dezesseis horas. Fazia academia com o Ju às dezessete. Quando chegava em casa, já encontrava a Mel de banho tomado me esperando e a Amanda desenhando alguma aquarela para a editora ou testando uma receita nova.

Pesquisei o nome dela e vi que ela tinha um portfólio maravilhoso como ilustradora e uma exposição agendada para o próximo mês. Eu a admirava cada vez mais.



Se quando cheguei a Amanda se esquivava de mim, aos poucos foi aceitando minha presença. Já havia quase um mês que eu estava morando com elas e a verdade é que eu não queria mais sair dali.

Mas não sou de ferro e já estava subindo pelas paredes com vontade de

entrar na cama da minha esposa. Queria provar cada centímetro daquele corpo delicioso e viver tudo o que não vivemos até ali. Resisti o quanto pude, mas numa manhã de sábado, enquanto ela se arrumava para sair, não me aguentei mais. Aproveitei que a Mel tinha ido com a Dani para a casa dos avós, para me aproximar. A porta do quarto dela estava aberta e fiquei ali no batente admirando minha esposa algum tempo. Então, não aguentei mais, me aproximei por trás e a beijei na nuca, dizendo baixinho:

— Não quero ir embora daqui.

— Não?

— Não. — Fiz com ela se virasse para mim e perguntei: — Seja sincera, você ainda quer que eu vá?

Ele me olhou confusa. Vi vulnerabilidade em seu olhar e abri meu coração.

— Amanda, desde que fez 15 anos eu me sentia tão atraído por você, que era difícil disfarçar. Ao mesmo tempo, sentia culpa por te desejar, você era tão nova, a irmã do meu melhor amigo, a quem eu supostamente não devia querer e me sentia péssimo por isso. Aí completou dezessete, ficou mais linda e virou uma verdadeira tortura manter minhas mãos longe do seu corpo. Aquela noite, no sítio, quando acordei com você nos meus braços, parecia um sonho, mas sonho ou realidade eu não te deixaria fugir. Quando descobri que estava grávida dei ouvidos ao meu irmão e te julguei mal. Eu sei que fui um babaca. Talvez por insegurança e medo do que sentia por você, mas hoje, depois de todo esse tempo e de tudo que vivemos, principalmente este último mês, entendi que eu estava completamente enganado. Tenho vergonha de ter duvidado do seu caráter, me perdoa. E também quero que saiba que não me arrependo daquela noite nem por um minuto. A Mel é com certeza um presente de Deus, um presente inesperado e surpreendente.

Olhei para ela, que estava emocionada.

Peguei em suas mãos e vi que estavam geladas. Amanda estava surpresa com tudo que eu falei, era nítido. A abracei e disse:

— Eu quero uma nova chance com vocês.

Ela pareceu hesitar e naqueles segundos em que não disse nada, senti meu peito se apertar, porque não queria nem por um instante pensar que eu tinha perdido a chance de ser feliz.

Então ela sorriu. De impulso me agarrou, afundou as mãos no meu cabelo e enlaçou meu pescoço para que nossos lábios se tocassem. Um beijo, outro e mais outro. Não demorou para que nossos corpos se incendiassem. Olhei em seus olhos e vi que ela me queria tanto quanto eu a queria. A peguei nos braços e a levei para a cama. Logo nos despimos. Tínhamos pressa. Seus gemidos e suas mãos percorrendo meu corpo me enlouqueciam. Tomei um dos seus seios na

boca, depois o outro, enquanto minhas mãos buscavam seu sexo. Vi com satisfação quando ela segurou os lençóis se retorcendo de tanto prazer.

Ela é tão linda, toda linda... Os cabelos longos, os seios cheios e rosados, a pele, a boca, tudo na Amanda me atrai. Quando senti que estava pronta para mim, não me segurei mais, a puxei pela cintura para prová-la com a boca. Estava enlouquecido de tesão e queria que ela enlouquecesse comigo.

Seu gosto é tão bom, tê-la assim se retorcendo para mim é viciante, vejo seus seios subindo e descendo, a boca chamando meu nome, o olhar doce que encontra o meu. Não precisou muito tempo, ela gritou meu nome e gozou na minha boca. Olho para ela, sua expressão é perfeita e então reconheço a verdade: eu amo essa mulher, nunca a esqueci e não entendo como só percebi isso agora.

— Você está protegida? — pergunto, quando tudo que eu quero é mergulhar dentro dela.

Ela assentiu. Empurrou os quadris contra os meus e não me segurei mais. Juntos formamos um ritmo delicioso. Afundei o rosto em seu pescoço, sentindo aquele cheiro suave de baunilha que sempre me tirou do sério. Intensifiquei o ato de amor e dei tudo que ela me pediu, assim que ela explodiu num orgasmo violento, eu me derramei dentro dela, e finalmente confessei:

— Eu te amo, Amanda.

Foi a primeira vez que eu falei isso para ela. Nos olhamos e seus olhos transbordaram, ela me abraçou apertado e respondeu baixinho:

— Achei que nunca fosse dizer.

— Sente o mesmo por mim?

— Eu também te amo, Alex, sempre amei...

Deitei de costas na cama, puxando ela para cima de mim. Ela recostou a cabeça em meu peito, estávamos exaustos, suados, mas tão felizes e numa paz sem igual.

Pela primeira vez fui sincero comigo e com ela. Eu já não tinha medo de ser subjugado. Eu só tinha uma única certeza: não podia mais viver longe do seu abraço.



“Se o amor é fantasia,

eu me encontro ultimamente em pleno carnaval.”
Toquinho e Mutinho

Quando abri os olhos e o vi ao meu lado, juro que o coro de borboletas cantou *Hear me now*¹⁶ e coreografou ao mesmo tempo.

Desde que ele voltou que eu contava até cem antes de dormir, só para não cair em tentação e pular na cama dele. Tá, confesso, eu estava me fazendo de difícil, queria que ele me desse valor e percebesse a mulher linda e gostosa que perdeu.

Então fiquei ali de expectadora ansiosa. Nos momentos em que o vi brincar com a Mel e meu coração se aqueceu. Nos momentos em que eu queria ser a Floquinho no colo dele. Quando ele sorria, brincava comigo ou saía para trabalhar todas as manhãs, de barba feita, banho tomado, naqueles ternos que o deixavam simplesmente irresistível, haja autocontrole.

E hoje, depois de quase cinco anos, ele me disse tudo que eu queria ouvir desde aquela noite no sítio.

A vida nem sempre é doce e serena, nem sempre nos faz acordar sorrindo, mas quando a gente ama e é correspondido, e aqui estou falando de amor de verdade, aí sim é como provar um pedacinho do céu. É isso que suporta os bons e maus momentos, que dá sentido aos romances e inspira as canções que falam do coração.

Amor é real, é possível, tem o hábito de chegar despercebido e entrar sem pedir licença.

Foi isso. Eu me apaixonei jovem demais e o meu romance com o Alex começou em uma noite linda e enluarada, quando esta narradora apaixonada que vos fala, sorratamente e sem convite, guiada por uma overdose de hormônios, entrou debaixo de um lençol.

Nem tudo foi cor-de-rosa, e o meu príncipe teve seus dias de sapo, mas quem não tem? Entre altos e baixos, encontros e desencontros, o melhor começa agora, nesta segunda chance que a vida nos deu. Sem enganos, sem mentiras ou subterfúgios. Nada sei do amanhã, mas o agora é mais que poesia, é música para os meus olhos, me acolhe num abraço gostoso e certamente me inspira a ilustrar uma nova aquarela!

Notas

[←1]

Tradução: “Oh can't you see / You belong to me / How my poor heart aches with every step you take”.

[←2]

No vinho está a verdade (latim).

[↩3]

Caralho, em italiano.

[←4]

Canção: Call Me Maybe – “I trade my soul for a wish, / Pennies and dimes for a kiss / I wasn't looking for this, But now you're in my way”.

[←5]

Canção: Wide Awake – “I’m wide awake / And now it’s clear to me / That everything you see / Ain’t always what it seems”

[←6]

The Carpenters

[↩7]

Trecho da canção Paradise: “Quando ela era apenas uma garota / Ela tinha expectativas do mundo / Mas voou longe de seu alcance / Então ela fugiu em seu sono...”

[←8]

Música de Raul Seixas.

[↩9]

“Eu estou tão cansada de estar aqui / Reprimida por todos os meus medos infantis / E se você tem que deixar / Eu desejo que vá logo / Porque sua presença ainda permanece aqui / E isso não vai me deixar em paz...” Evanescence.

[←10]

Tradução: “Mas se eu te deixar partir nunca saberei / Como seria a minha vida te segurando perto de mim / Eu nunca te verei sorrindo de volta pra mim? / Como eu saberei / Se eu te deixar partir?”

[[← 11](#)]

Canção: I Can Go The Distance – “Eu vou achar meu caminho / Eu vou superar a distância / Eu vou estar lá algum dia...”

[↩12]

Complexo cultural em Belo Horizonte: <<http://fcs.mg.gov.br/espacos-culturais/palacio-das-artes/>>.

[\[←13\]](#)

Canção Oh! Darling – “Oh! Querida / Se você me deixar / Eu nunca vou conseguir ficar sozinho / Acredite em mim quando eu te implorar / Pra nunca me deixar sozinho...”

[←14]

Avião sem asa, Adriana Calcanhoto.

[←15]

Canção Just the way you are – “Quando eu vejo o seu rosto / Não há nada que eu mudaria / Pois você é incrível / Exatamente como você é...”.

[[← 16](#)]

Alok, Bruno Martini feat. Zeeba (Tradução do título da música: Me ouça agora).

Table of Contents

<u>Capa</u>	
<u>Folha de Rosto</u>	
<u>Créditos</u>	
<u>Dedicatória</u>	
<u>Epígrafe</u>	
<u>Capítulo 1</u>	
<u>Capítulo 2</u>	
<u>Capítulo 3</u>	
<u>Capítulo 4</u>	
<u>Capítulo 5</u>	
<u>Capítulo 6</u>	
<u>Capítulo 7</u>	
<u>Capítulo 8</u>	
<u>Capítulo 9</u>	
<u>Capítulo 10</u>	
<u>Notas</u>	